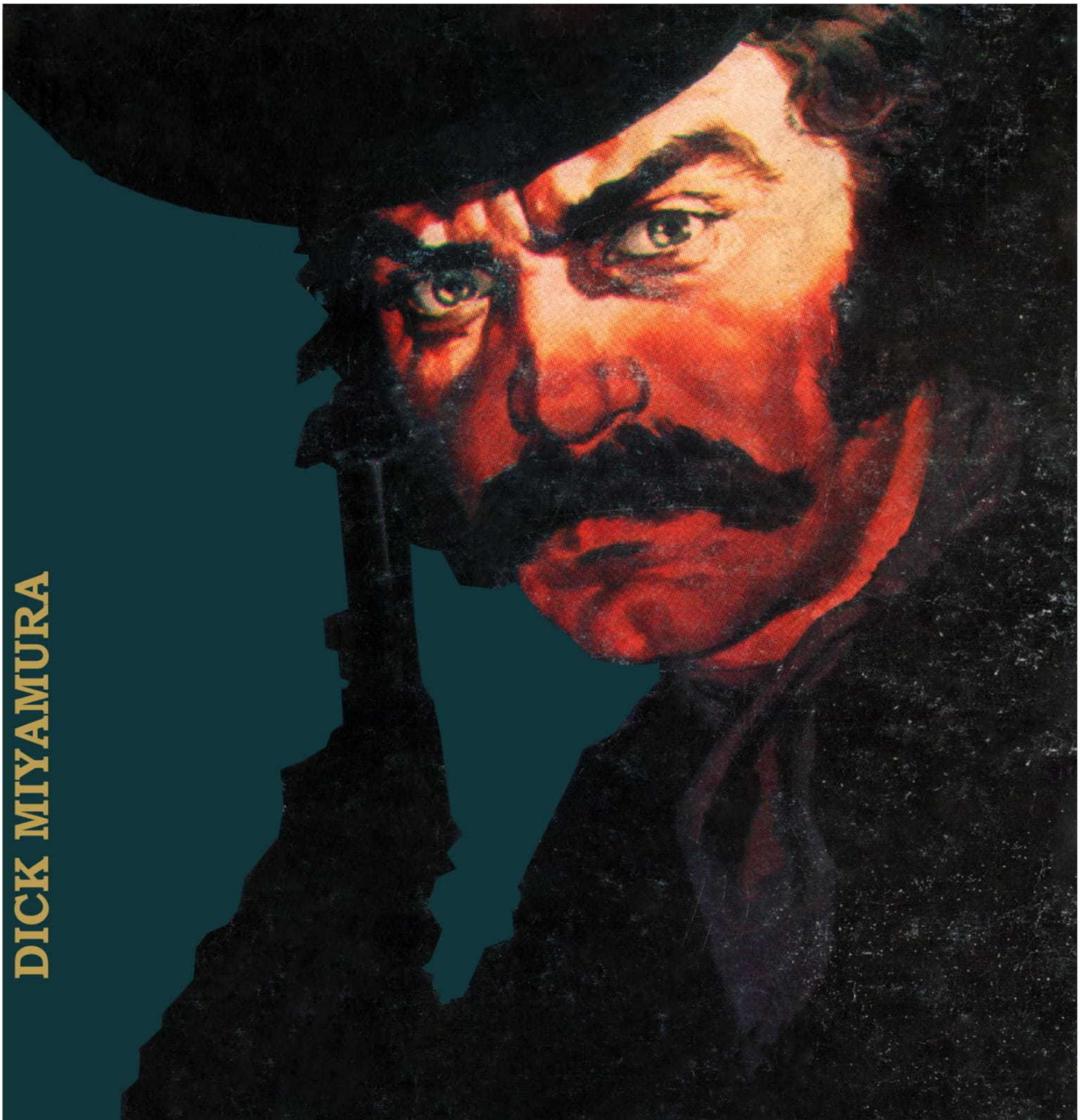
CHUMBO GROSSO

FOGO NO MISERÁVEL!



DICK MIYAMURA

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 65

TÍTULO: FOGO NO MISERÁVEL

AUTOR: DICK MIYAMURA

CAPA: BENICIO

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1987

PREÇO DA PUBLICAÇÃO: CZ$ 12,00

PÁGINAS: 128

CHUMBO
GROSSO

FOGO NO MISERÁVEL

DICK MIYAMURA

Capa de BENÍCIO

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMLXXXVII Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPITULO PRIMEIRO

Um pesadelo tenebroso

Para Greg tudo aconteceu como se fosse um sonho. Exatamente como um pesadelo tenebroso de horror, medo, angústia, ódio e incredulidade. Meu Deus! — pensou em um momento de estupefação. — Isto não pode estar acontecendo! Não é verdade!

No entanto era real. Doloroso e cruelmente verdadeiro.

Ele estava na porta da Igreja de São Joaquim, do lado de fora com Roscoe e Jennings, antigos e benquistos vaqueiros do rancho de seu pai, e mais uma dúzia de pessoas, todos homens, velhos e moças da cidade e dos ranchos vizinhos, convidados e amigos da família. Aguardavam fora do pequeno templo a saída da noiva, sua irmã Kate e o noivo, Jack Torrance, que apareceriam acompanhados de seu pai Thomas Mallory, de sua mãe Jennifer, de outros parentes e amigos, padrinhos dos nubentes.

Conversavam, riam, fumavam despreocupadamente.

Era uma tarde de sábado e a cidadezinha de Dixon, no Novo México, começava a ficar movimentada na rua principal com cavaleiros e carruagens levantando poeira defronte dos saloons, lojas e armazéns. No entanto para aqueles que se achavam no pátio em frente da igreja, o que acontecia em nada diferia de outras cerimônias que ali se

realizavam quase todos os fins de semana. Havia outro templo em Dixon, evangélico e protestante. Porém a família de Gregory Mallory era católica e Jack aceitara obedecer às convicções religiosas da família da noiva. Ele não possuía família no Novo México, era do Idaho, e não houvera tempo nem possibilidade de nenhum parente seu vir até ali.

Então repentinamente, todos jogaram fora os cigarros, aprumaram-se em seus trajes domingueiros de cowboys e permaneceram silenciosos, aguardando a saída dos noivos. Quando eles assomaram à porta que dava para o largo, Greg pôde notar a expressão de felicidade estampada no semblante de sua doce e meiga irmã. Eram os únicos filhos de Tom e Jennifer Mallory.

Jack trazia-a pelo braço, fitando-a com ternura e orgulho.

Greg havia imaginado; A maninha está vivendo seu mais belo sonho. Ela ama e é amada! Graças a Deus!

Foi, entretanto, a única coisa que pôde pensar com clareza.

Porque, naquele justo momento, irromperam num tropel desabalado cinco homens montados a cavalo, com lenços negros em torno dos rostos e de armas nas mãos! Nem tempo tiveram para imaginar se aquilo era uma brincadeira, uma forma qualquer de saudar os recém-casados!

Os revólveres nas mãos dos cavaleiros cuspiram chumbo levando morte e dor simultaneamente a Kate, Jack, seus pais, e a outros mais! Os gritos de surpresa e pavor, misturados aos ruídos das patas dos cavalos dos atacantes, aos gemidos dos que caíam varados de balas, tudo muito rápido e confuso, não deram ao rapaz ensejo de observar detidamente o que acontecia. Tomara-se de angustiada

preocupação ao ver caírem Kate, Jack, o pai e a mãe, rolando pelo pátio empoeirado envoltos em sangue!

— Acabamos com eles, Smithy! — gritou um dos pistoleiros.

Essa exclamação, proferida num tom de voz roufenho, motivou outro berro do pistoleiro assim chamado pelo comparsa, que retrucou raivosamente:

— Cale a boca, imbecil! Não pronuncie nomes!

Mesmo preso do desvario e aturdimento que o acometera quando apareceram os cavaleiros, disparando ali defronte à igreja naqueles que saíam pela porta, o rapaz guardou o nome. No entanto não estava armado e se via impossibilitado de reagir. Rolando o corpo pelo chão a fim de escapar às balas dos pistoleiros, conseguiu chegar até onde seus pais estavam caídos. Com lágrimas nos olhos abraçou-se a eles, bradando com desespero Pai! Mãe! Nada mais adiantaria, pois estavam irremediavelmente mortos. Voltou a vista para Kate e Jack e os divisou um pouco além, imóveis, bem juntos, como se tivessem desejado morrer abraçados no último instante. Arrastou-se até os dois verificando que pela aparência das manchas de sangue no traje e no vestido de noiva da irmã, os assassinos concentraram neles a maior parte dos tiros.

Roscoe e Jennings, entretanto, tinham levado seus revólveres nos coldres. Abrigando-se atrás das colunas de madeira que ladeavam as paredes de frente do templo, os dois vaqueiros começaram a disparar na direção dos cinco mascarados. Estes já haviam dado meia-volta e galopando celeremente pela rua transversal atrás da igreja, desapareceram na trilha que passava a uns quinhentos metros mais adiante, que ligava Dixon com Chimayo e Pueblo no caminho para Santa Fé.

Nenhum dos tiros dos vaqueiros acertou nos alvos que fugiam rápidos, mas no solo defronte à igreja, seis cadáveres jaziam. Kate e Jack, Tom e Jennifer Mallory, a pequena Graciela, mestiça mexicana que os Mallory criavam desde criança e que insistira em ser a dama de honra da noiva. Com meio corpo fora da igreja, na porta, também com as vestes sacerdotais embebidas de sangue, se achava caído, o bondoso padre Fernando. Ele costumava sair sempre atrás dos noivos e seus familiares. O pároco estava logo após os velhos pais de Kate, de Jack e da garota. Para ele, foram endereçados também alguns dos disparos covardemente feitos pelos pistoleiros.

Roscoe e Jennings foram até onde Greg se achava inconsolável, sentado no chão, e o primeiro deles indagou:

— Está ferido, Greg?

O rapaz os olhou atentamente antes de responder. Seus olhos toldados pelas lágrimas custaram um pouco a visualizá-los. Trêmulo e rouco, balançando repetidamente a cabeça, perguntou:

— Por que, Roscoe? Por que, Jennings? Papai... mamãe... Kate... Graciela... Jack... o padre Fernando!... Por quê? — Os dois vaqueiros também não saberiam responder-lhe.

O xerife Paul Britt, com um de seus ajudantes chegava ao local, onde rapidamente se aglomeraram pessoas vindas das ruas próximas, atraídas pelos gritos e pelos disparos. Velho amigo de Tom Mallory, o representante da lei imediatamente pediu voluntários entre os presentes. Quase uns dez homens se ofereceram para formar um grupo que, chefiado por Roscoe e Jennings e pelo ajudante de Britt, partiu no rumo tomado pelos cinco pistoleiros.

Greg, conquanto consolado por uns e outros que lhe ofereciam seus préstimos para o que necessitasse, agradecia

com acenos de cabeça. Emudecera, olhando para tudo e para todos silenciosamente. Também não mais chorava. Sentiu de novo algumas agulhadas lancinantes no coração quando vislumbrou o doutor Cornell, médico da família, juntamente com o xerife Britt e um sujeito que não identificou na hora, erguerem e colocar os corpos cuidadosamente em duas carretas. Greg sabia perfeitamente. Os seis mortos seriam preparados para o sepultamento.

O rapaz, embora aos poucos retomasse à plena consciência e já pudesse pensar com mais clareza, não perdera a perplexidade mesclada de espanto, medo e dor que sentira ao ver, impotente e sem nada poder fazer para evitar, o fim trágico de toda a sua família, o que mais prezava no mundo! Seu pai, sua mãe, a irmã, a menina que criavam como se fosse uma Mallory também! E Jack! E o padre Fernando! Não havia explicação racional para aquela carnificina! Greg pensava, pensava, não atinando nunca com uma razão, com um motivo por menor que fosse justificando os assassinatos. Seu pai, pelo que sabia, não possuía inimigos de morte, era benquisto, estimado e respeitado por todos. Sua mãe, pobre e querida mãezinha, dedicava-se a cuidar da casa do rancho, a ajudar os vaqueiros que lá trabalhavam e que tinham por ela quase que uma veneração! Graciela ria e cantava o dia todo, feliz pela família que a adotara. Kate... relembrando-a, Greg teve que apoiar-se na parede da igreja. Desde meninazinha, meiga, gentil, carinhosa, tratava a todos com doçura e cordialidade. Jamais fora alvo de palavras ou gestos ofensivos de quaisquer dos vaqueiros no rancho ou na cidade, embora requestada por muitos jovens que desejavam namorá-la, até mesmo casar-se com ela. Todavia, Kate apaixonou-se por Jack Torrance, sobre o qual

embora pouco se soubesse, pareciam recair as simpatias gerais. O noivo de sua irmã talvez tivesse conseguido arranjar alguns despeitados por haver chegado ao coração de Kate, por ter sido o seu eleito. Nunca, entretanto, arranjaria inimigos mortais por isso.

Então em seu cérebro, como um relâmpago, cruzaram aquelas palavras pronunciadas em tom de deboche e ufanismo por um dos miseráveis mascarados:

Acabamos com eles, Smithy!

E logo em seguida o grito indignado do outro: Cale a boca, imbecil! Não pronuncie nomes! Isso significava que o sujeito que comandava o grupo de cinco cavaleiros se chamava Smithy. Era a única pista que possuía, mas se agarraria a ela com unhas e dentes até o fim. Porque Greg já decidira naquele mesmo instante. Iria até o fim do mundo, se necessário fosse, para apanhar um por um, ou todos ao mesmo tempo, aqueles desgraçados que o tinham privado dos seres que mais prezava! Smithy, existia alguém com esse nome, e Greg o encontraria.

O rapaz tinha convicção de que o grupo mandado pelo xerife Britt no encalço dos pistoleiros não os pegaria. Havia decorrido tempo suficiente para que os facínoras se embrenhassem nas planícies e matas entre Chimayo e Pueblo, desaparecendo completamente, fugindo à perseguição. Assim aconteceu efetivamente.

Os treze homens, com Roscoe, Jennings e o ajudante do xerife, regressaram duas horas depois, exaustos, empoeirados e informando que perderam as pegadas do bando ao chegarem ao Rio Grande.

Greg Mallory, todavia, já havia determinado para si mesmo o que teria que fazer. Procuraria aquele Smithy e através dele chegaria aos outros quatro. Porém, antes de matá-los, iria obrigá-los a dizer por que tinham cometido a

chacina! Mais do que praticar justiça pelas próprias mãos, o rapaz ansiava por saber o motivo de tal selvageria.

CAPITULO SEGUNDO

Todos os caminhos levam ao perigo

Aconteceu no entardecer de uma quinta-feira de mais um ensolarado dia de verão no Novo México. Algumas nuvens pretas esparsas pelo céu por cima das montanhas Ute, no vizinho Colorado ao norte, prenunciavam a chegada de súbitas chuvas que poderiam tornar-se violentas. O cocheiro da diligência que corria ao longo da trilha que ligava Santa Fé a Taos e Cimarron, gritava e agitava o chicote no ar obrigando as parelhas a correr o máximo para chegar antes da tempestade.

Ao lado do condutor seguia também, no alto da boléia, um guarda armado. Ele olhava para a frente e para os lados com o rifle entre as mãos e apoiado no assento. Mal prestava atenção aos brados dó cocheiro xingando os pobres animais e estalando o chicote acima dos mesmos, sem atingi-los.

O guarda, Stan Lee, conhecia suficientemente bem o outro. Sabia que não era apenas o receio de serem apanhados por um temporal o que motivava a ansiedade de Teddy Yaley em saírem logo daquela planície que seguia a Dixon e Arroyo Hondo, antes de alcançarem Pueblo. As notícias sobre frequentes ataques de bandoleiros, renegados e índios navajos às carruagens, comboios e viajantes realmente assustavam. Os fora-da-lei pareciam ter-se

concentrado repentinamente naquela parte do território para cometer toda sorte de ataques, pilhagens e assassinatos. Os bandidos desfrutavam, ali uma estratégica facilidade para se colocarem logo fora do alcance dos xerifes e delegados. Pois um pouco mais adiante, tinham a noroeste não apenas a fronteira do Colorado para ultrapassar ficando a salvo, mais três outras! Depois das montanhas Ute, facilmente contornáveis pelo sul, os fugitivos tinham três outros territórios onde abrigar-se! Aquele era nos Estados Unidos o único ponto onde, cruzando a referida cordilheira e os Rios San Juan e Chaco, quatro territórios juntavam suas fronteiras: Novo México, Arizona, Colorado e Utah.

Esse fator geográfico dava-lhes uma certa impunidade, desde que conseguissem escapar à lei de um ou outro território.

Stan Lee sabia também que nada como uma tempestade para impedir quaisquer movimentação de patrulhas dos homens da lei.

Todavia, os bandidos preferiam um temporal mais do que um dia ou a uma noite límpida. Eles se tornavam quase invisíveis na pradaria e apareciam repentinamente caindo sobre indefesos viajantes. Os navajos da Reserva Divide, chefiados por Cão Amarelo, haviam se rebelado e fugido, somando e aumentando com seus assaltos o grande perigo. Ao contrário dos apaches e comanches, os navajos não evitavam sair à noite. Pareciam mesmo preferir as sombras noturnas para agir.

Aquela diligência saíra lotada de Santa Fé, a capital do Novo México. No par de assentos do coche viajavam duas mulheres e quatro homens. O velho Sam Winkler, rancheiro e dono do Banco de Cimarron com sua linda filha Susan, o pastor John Evans e a esposa, a magra e resmungona

Genevieve, o médico Cari Summit, de Taos, e o comerciante Jasper Ross, também de Taos.

Nenhum deles parecia armado nem valeria de coisa alguma no caso de um ataque, sabia Stan Lee, que lá em cima prosseguia pensando na situação e rezando para que não desabassem chuvas.

Stan, como Teddy, eram veteranos e experimentados empregados da Western. Overland, a maior rival da Wells & Fargo, com diligências de passageiros e de cargas, transportando também malas postais e, não raro, remessas de ouro e dinheiro dos bancos. Eram estas últimas que mais atraíam os bandoleiros, igualmente interessados em se apoderarem dos malotes dos correios, que invariavelmente transportavam valores e encomendas que muito lhes interessavam. Naqueles tempos costumava-se mandar armas de todos os tipos e marcas, inclusive rifles e caixas de munições pelas malas postais.

— Teddy, a chuva nos pegará antes de chegarmos perto do posto de troca de Penasco! — gritou Stan erguendo a voz para fazer-se ouvir pelo cocheiro.

— Eu sei — retrucou o outro. — Por isso é que estou tentando botar sebo nas canelas dos meus cavalos para ver se pelo menos alcançamos o Rio Truchas. Ali há mato suficiente para nos abrigar da tempestade.

— E também é o ponto preferido dos assaltantes e dos fedorentos navajos para atacar as diligências! — gritou de novo Stan Lee.

— Pode me sugerir alguma coisa melhor, Stan? — indagou Teddy, lançando uma cusparada para o lado e olhando ligeiramente o companheiro. Ele mascava constantemente um pedaço de tabaco entre os lábios.

Não foi preciso que desabasse qualquer tempestade para que ocorresse o que os dois velhos condutores de diligências mais receavam, naquele momento.

Sorrindo divertido com a maneira de Teddy retrucar-lhe a observação, Stan Lee decidiu enrolar um cigarro e já ia enfiando os dedos no bolso da camisa onde guardava tabaco desfiado e folhas de papel, quando seus olhos voltaram-se para trás e os viu! O ruído ainda era quase inaudível devido ao barulho das patas dos cavalos e as rodas do veículo rangendo, assobiando e por vezes chocalhando-se por força da velocidade no terreno nem sempre plano e liso da trilha. Mas, ainda que a nuvem de poeira levantada encobrisse a retaguarda cerca de duzentos ou trezentos metros, Stan Lee pôde lobrigá-los.

— Como você mesmo disse, Teddy, sebo nas canelas dos bichinhos! Eles já vêm atrás de nós! — gritou para o companheiro da boléia.

— Pode... ver... quem são? — perguntou Teddy Yaley, preocupado em erguer o chicote no ar e proferir palavras que talvez apenas os pobres animais das parelhas entendessem.

O guarda ergueu-se no assento.

Já desistira de fazer o cigarro e tinha o rifle em uma das mãos, enquanto com a outra, protegendo os olhos procurava ver melhor.

— Navajos! São renegados de Cão Amarelo! — respondeu, gritando o mais alto que pôde para ser escutado.

— Desgraçados comedores de lagartos! — vociferou Teddy, lançando uma cusparada de lado e sem largar o tablete de tabaco entre os dentes.

Stan Lee agachou-se no banco e, enfiando metade do rosto pela abertura da pequena comunicação existente entre a boléia e o local onde estavam os passageiros, alertou-os:

— Pessoal, estamos sendo perseguidos por índios navajos! Fiquem prevenidos! Aqueles que possuir armas de fogo tratem de carregá-las e ajudar na defesa! Os vermelhos não custarão a chegar!

O guarda logo voltou à sua posição, porém pôde ainda escutar um ai Jesus! Senhor John Evans, o que acontecerá? — pronunciado quase de forma chorosa pela mulher do pastor protestante.

Era necessário, uma regra habitual e indispensável: prevenir os passageiros em ocasiões como aquela.

Já acontecera antes com ele mesmo na guarda, existirem passageiros bem armados, bons de pontaria e que defendiam eficazmente a carruagem.

Em algumas dessas ocasiões a reação era tamanha e tão bem coordenada que os assaltantes, após perderem a maior parte de seus homens, caíam fora desistindo do ataque.

Isso, pensava Stan, um tanto desanimado e contrafeito, ocorreria muito raramente.

Geralmente, quando ele lá de cima presenciava o embarque dos passageiros e distinguia entre os mesmos rapazes armados, oficiais ou soldados do exército e até mesmo xerifes, comissários ou delegados federais, identificados pela insígnia pregada no casaco, sentia-se mais tranquilo. Até mesmo a presença de jogadores e pistoleiros solitários lhe agradava nas viagens, porque era gente que sabia usar suas armas. Mas com aquele bando de velhotes e duas mulheres, duvidava que houvesse com eles um canivete que fosse!

— Fique firme, Stan Lee, mande chumbo nos fedorentos! — murmurou para si mesmo, examinando a carga do rifle e empunhando-o mais alto, para mirar atrás.

Já podia distingui-los melhor.

Eram navajos mesmo. Uns nove guerreiros com seus dorsos nus, as caras pintadas, segurando as espingardas nas mãos e já disparando.

Os gritos ululantes e os tiros ecoavam, podendo ser escutados por todos. O tropel dos pôneis índios com seus cascos sem ferraduras batia na terra seca ritmadamente como em um toque de tambor.

Embora se achassem fora do alcance das balas, e Stan também não queria desperdiçar munição, era óbvio que não tardariam a acercar-se da diligência.

Stan aguardava o momento de apertar o gatilho, podendo mirar melhor cada alvo. Seu empenho era evitar que alguns deles avançassem demasiado emparelhando-se com a carruagem.

Os navajos eram ousados e quase suicidas para propiciar aos que vinham atrás a possibilidade de se aproximarem pulando de suas montarias para os animais das parelhas, forçando-os a parar. Ao mesmo tempo em que detinham o veículo, rodeavam o coche e obrigavam os passageiros a descer, eliminando de pronto aqueles que usavam armas ou esboçasse a menor reação.

Era impossível saber o que os índios faziam, uma vez de posse da presa. Se pretendiam apenas saquear, arrancavam roupas das vítimas deixando-as quase despidas, ou mesmo nuas. Arrombavam malas, sacolas e caixões, apoderando-se de armas, munições e suprimentos. Conquanto pouco lhes interessasse ouro e dinheiro, também o levavam para negociar com brancos traidores e renegados que lhes forneciam bebidas, revólveres, espingardas e balas em troca desses produtos de pilhagens.

Ao contrário dos comanches e dos apaches que levavam prisioneiros como reféns, recebendo resgates, matavam ou

simplesmente deixavam-nos com vida após despojar a todos das roupas e pertences pessoais.

Contudo, Stan Lee continuava repassando na memória o que sabia deles. Podiam se encontrar embriagados com mescal, aquelas folhas que mascavam para adquirir coragem e que não somente os embriagava como toldava-lhes a mente. Ficavam loucos e tornavam-se brutos e cruéis. Matavam rápida e indiscriminadamente os passageiros após brutalizar as mulheres. Havia rumores de que os renegados de Cão Amarelo vinham ultimamente escalpelando os brancos.

Entretanto sabia Stan Lee, e Teddy também se achava plenamente a par desse detalhe, as primeiras vítimas, quando não caíam mortas antes ou durante o ataque, eram o cocheiro e o guarda...

Bem, ali estavam eles, no momento já no alcance da arma!

Não era necessário prevenir Teddy. O companheiro se agachara ao máximo, segurando firmemente as rédeas, procurando evitar as balas que sibilavam por cima e dos lados, sem pontaria precisa. O mesmo fazia Stan, ajoelhando-se no chão da boléia, firmando-se no banco, por cima do qual tinha a visão necessária para disparar.

O que ele aguardava que acontecesse, esboçou-se aos seus olhos.

Dos nove atacantes, o guarda não reconhecera Cão Amarelo entre eles. Três se destacaram com os demais dando-lhes cobertura.

Abaixados e agarrados aos pescoços dos pôneis para passar imunes aos tiros, dois cavalgaram de lado e o terceiro veio na direção do coche, por trás.

Stan conhecia-lhes sobejamente a manobra.

Aqueles que separados e pelos flancos corriam rentes às margens da trilha, tentariam emparelhar-se com os animais que puxavam a carruagem parando-os. O guerreiro solitário atrás, saltaria do seu cavalo agarrando-se às alças metálicas que existiam na parede do carro subindo por elas até o teto. Se o conseguisse, poderia disparar quase que à queima-roupa no cocheiro e no guarda, entretidos em evitar que os dois mais na frente se transferissem para os lombos das parelhas.

— Dirija em ziguezague! — gritou para Teddy.

Ao mesmo tempo ergueu-se um pouco mais e pôde ter bem na sua mira um daqueles que procuravam ladear a carruagem. O disparo colheu o navajo na cabeça, arrebentando-a quase. O índio nem chegou a gritar; apenas como que colhido em plena cavalgada por mãos invisíveis, foi lançado fora do pônei desabando no chão com um buraco enorme no rosto. Nesse átimo de tempo o terceiro, sorrateiramente acercando-se da traseira do coche pulou com destreza conseguindo agarrar-se nas alças.

— Cuidarei desse quando apontar a cabeça — pensou Stan Lee mais preocupado com o segundo navajo que já avançara o suficiente para ficar bem ao lado pela esquerda das parelhas.

O galopar dos animais da diligência em ziguezague evidentemente perturbara a manobra dos três, então reduzidos a dois, assim como impedia a meia dúzia que vinha no encalço de fazerem pontaria certeira.

Stan Lee, virando-se para a frente e do lado em que o navajo se preparava para pular, aguardou que o mesmo oferecesse um ângulo mais propício. Isto se tornava difícil, pois o índio procedia como uma serpente, desenroscando-se do seu pônei para alcançar o cavalo mais perto dele na parelha.

Então, descuidando-se dos que se aproximavam por trás, em uma das movimentações da carruagem sentiu uma agulhada no braço direito, justamente aquele com que manobrava o rifle. A cruciante pontada de dor, logo seguida do sangue afluindo à manga da camisa, não deixava dúvidas. Tinha sido atingido! A mão com que segurava o rifle e o dedo no gatilho amoleceram trêmulas a princípio, e dormentes logo em seguida.

— Meu Deus! — pensou Stan Lee. — Os malditos me acertaram!

Não somente podia divisar o navajo prestes a pular para um dos animais da parelha como também vislumbrar o adorno no topete da cabeleira daquele que, agarrado à traseira, por entre as rodas da diligência, subia para o teto!

CAPITULO TERCEIRO

Juramento de vingança

Greg Mallory não contou a ninguém o que pretendia fazer.

Compareceu no dia seguinte, ao funeral das cinco vítimas do brutal e inconcebível massacre na porta da igreja.

Pela segunda e última vez chorou ao ver os corpos de seu pai, da sua mãe, da querida irmã Kate, de Jack Torrance, o cunhado que não chegara a viver dez minutos para sentir seu papel de casado, da pequena Graciela e do padre Fernando serem baixados às sepulturas uma após outra, no pequeno cemitério de Dixon.

Um sacerdote norte-americano vindo às pressas de Pecos, oficiou a missa de corpo-presente na capela à porta da qual acontecera o múltiplo assassínio. Quase todo mundo da cidadezinha, rancheiros e criadores com as suas famílias e muitos dos vaqueiros na região compareceram.

O rapaz correspondia maquinalmente aos abraços e apertos de mãos das pessoas que lhe apresentavam condolências.

Duas pessoas, entretanto, não saíram do seu lado durante todos esses instantes, Roscoe Mandrell e Al Jennings. Antigos empregados do seu pai, companheiros leais e dedicados, a dupla de cowboys que se afeiçoara tanto

a ele como a toda a família, agora reduzida ao rapaz, furtivamente limpavam com as mangas dos casacos as lágrimas que lhes assomavam aos olhos.

Paul Britt, o xerife, parecia preocupado com aquele estranho e inusitado mutismo de Greg.

Alguns momentos depois, quando todos a pé rumavam para fora do cemitério, ele aproximou-se do jovem e murmurou:

— Greg, não nos culpe por favor, pelo fato de não agirmos com a necessária rapidez para agarrar os cinco miseráveis que cometeram essa barbaridade. Por favor! Isso não significa que tenhamos desistido. Já mandei um alerta para Santa Fé, pedindo que sejam distribuídos avisos a todos os xerifes do Novo México. Os federais também ficarão sabendo. Cinco homens mesmo sem se saber quem são, como se chamam ou como se parecem porque estavam com lenços nos rostos, não passarão desapercebidos! Acabarão sendo encontrados, todos juntos ou um por um e acabarão na forca, eu lhe prometo Greg! Seu pai e eu éramos amigos de verdade! Também gostava muito de Jack Torrence.

Greg olhou-o por um momento, como se agradecesse, porém não articulou uma só palavra.

Somente ele, ao que parecia, sabia daquele nome.

Smithy.

Chegaria a Smithy primeiro ou por último, mas ele próprio apanharia o quinteto de pistoleiros malditos, vingando as mortes de seus entes queridos.

Nem a Roscoe nem a Jennings ele falara sobre Smithy.

Saiu da cidade retornando ao rancho. Sem os pais, sem a irmã e a pequena Graciela, tudo ali se lhe afigurava triste, abandonado, solitário. Os vaqueiros, e havia mais seis além

de Roscoe e Jennings, em silêncio nada lhe perguntaram, tratando das lides naquele dia como normalmente o faziam.

Então Greg recebeu uma visita.

Reconheceu, da porta da casa principal do rancho, o cabriolé que, saindo da trilha principal e entrando pelo caminho do rancho, acercava-se dele. Identificou as duas pessoas que vinham no veículo. Por um momento seus olhos se iluminaram.

Eram Stone Graig e sua irmã Jessica.

Stone já não era um jovem, embora fosse solteiro e até mesmo um homem atraente. Alto, de cabelos grisalhos, magro e sempre elegantemente vestido. Era dono do único Banco de Dixon, proprietário do maior rancho do condado e fora entre os pretendentes de Kate, o mais assíduo deles, propondo-lhe casamento reiteradas vezes. Para o velho Thomas Mallory, para a mãe da moça, até mesmo para Greg, seria uma união ideal. Stone Craig sempre se mostrara educado, gentil e prestativo. Casando-se com ele, Kate se tornaria a mulher mais rica de Dixon.

Porém surgira Jack Torrance, que aos vinte e sete anos de idade parecia bem mais jovem, moreno, alto e robusto, de cabelos negros e lisos, sorridente e amável. Kate apaixonara-se por ele e logo era correspondida. Aparentemente possuía algum dinheiro, que depositara no Banco de Stone. Havia comprado um pequeno e aprazível rancho a oeste daquele em que a moça se criara com os pais e irmão. Mesmo que a princípio, a vontade dos Mallory, com exceção de Greg que não se intrometia na vida pessoal da mana, fosse pelo casamento de Kate com Stone Graig, acabaram aceitando seu enlace com Jack Torrance que, por sua vez, conquistara os velhos.

Stone não dissera nada e não assistiu à cerimônia na igreja.

Embora não fosse católico, Greg sabia que não tinha sido por motivos religiosos que o outro deixara de comparecer. Stone Craig sentira-se frustrado, derrotado em sua pretensão. Talvez não tivesse chegado a odiar Kate pela súbita decisão, nem a seus pais e muito menos a ele, Greg. Mas o rapaz, logo que Kate e Jack anunciaram o casamento ante a aquiescência dos velhos, imaginou que dali por diante dificilmente o futuro cunhado conseguiria qualquer coisa que fosse do banqueiro.

Debaixo daquela capa de cavalheirismo, de fina e esmerada educação, nunca fora difícil a Greg perceber a existência de alguém que não sabia perdoar nem aceitar uma derrota. Não sendo um homem violento, Stone aguardaria pacientemente pelo momento em que Jack Torrance necessitasse de seus préstimos como dono do banco. Então deixaria, ainda que sutilmente, mostrar como lhe doera a atitude de Kate e a primeira vitória de Jack Torrance.

Havia Jessica Craig.

Ao pensar nela, Greg sentiu pela primeira vez naqueles três dias algo que não era ligado nem às mortes, nem a Stone. Apenas neles dois.

Bem mais jovem que o irmão, Jessica tinha a mesma idade de Gregory Mallory, vinte e quatro anos. Permanecia solteira e podia ser considerada, com justos motivos, não apenas muito bonita, extremamente elegante como também jovial, culta e atraente. Ela e Greg frequentaram juntos a escola em Dixon, antes que fosse mandada para Santa Fé, a fim de estudar em um colégio particular e rico. Essa amizade, que aos olhos de todos se transformava em namoro, ligou o rapaz ao único irmão de Jessica, tornando-os relativamente bons amigos, embora sem intimidades. Entre Stone e Greg havia doze anos separando-os. Muitas

vezes Greg imaginara que isso era também o motivo precípuo pelo qual a maninha fugia à corte do banqueiro milionário.

Depois que retornara de Santa Fé, a amizade então se transformou abertamente em namoro. Greg e Jessica frequentemente saíam juntos, tornando certeza para muitos que acabariam se casando. Foi o noivado de Kate e Jack Torrance que esfriou esse relacionamento.

Stone Craig e Jessica eram órfãos, e ele havia cuidado da irmã com atenções paternais, mas em momento algum interferira entre a mesma e Greg, nem mesmo depois de ter levado o fora de Kate.

Os visitantes, com maneiras sóbrias aparentando sinceramente os maiores sentimentos de pesar e de solidariedade, abraçaram Greg e disseram-lhe compartilhar da sua dor e sofrimento.

Principalmente Jessica, que quase sussurrando as palavras lhe murmurou:

— Procure-me, Greg. Eu não o esqueci em nenhum momento. Por favor não deixe de me ver!

O rapaz agradeceu-lhes a manifestação de solidariedade.

Antes de sair, Stone Craig voltou-se e disse:

— Greg, agora você tem a responsabilidade deste rancho e mais o daquele que foi comprado pelo seu falecido cunhado. Ele lhe pertence. Ê claro que sabia, não é?

Não, Greg não sabia. Como que percebendo a pequena surpresa do outro, Stone prosseguiu:

— Na escritura de compra guardada no meu banco, e foi para mim bastante estranho isso... uma espécie de testamento antecipado, Jack Torrance deixou explícito sua vontade de que em caso de lhe acontecer alguma coisa, melhor dizendo, a morte, o rancho ficaria para Kate ou

você. Não é esquisito, Greg? Parecia prever também algo... desagradável para ela...

O rapaz meditou sobre aquelas palavras, sem nada dizer.

Por que Jack nada lhe dissera? Por que o próprio Stone antes não lhe dera ciência? Talvez pudesse saber algo! Agora era tarde demais.

Agradeceu ao banqueiro de novo e reiterou a Jessica que a visitaria.

Mas estava longe de desejar cumprir aquela promessa.

Mandaria três dos seus vaqueiros cuidarem do rancho que pertencera a Torrance. Os outros três permaneceriam ali com mais alguns novos contratados. Greg os conhecia suficientemente para saber que se desempenhariam bem da missão tanto em uma como em outra das propriedades.

No dia seguinte venderia metade do gado para ter o dinheiro que necessitava nos bolsos; incumbiria Goldie, o mais velho dos cowboys de arranjar mais três ou quatro empregados. O veterano vaqueiro saberia escolher os novos auxiliares.

Para Roscoe e Jennings, Greg tinha outros planos.

Naquela noite chamou os dois à casa.

— Amigos, tenho a contar-lhes o que eu decidi e pedir-lhes um favor. Não se acanhem em recusar no caso de não concordarem, pois estão livres para aceitar ou não. Sejam quais forem suas decisões, eu as respeitarei, agradecendo.

Como nenhum dos dois falasse qualquer coisa, aguardando que ele prosseguisse, o rapaz continuou:

— Não acredito que aqueles cinco miseráveis tenham matado minha irmã, meus pais, Graciela e o padre Fernando por motivos pueris. Claro, Graciela e o pároco morreram porque estavam no caminho das balas. Quem pode afirmar

que a mesma coisa não ocorreu com meu pai e minha mãe? Estavam bem atrás, muito juntos de Kate e Jack...

Jennings e Roscoe permaneceram na expectativa. Ambos sabiam que o rapaz tinha mais a dizer.

— Também o alvo principal dos matadores não poderia ser minha pobre irmãzinha! Ela jamais fez mal a alguém! Nem mesmo um namorado despeitado cometeria tamanho e tão brutal assassinato!

Então os dois vaqueiros pareceram entender.

— Greg, você quer dizer... tudo indica Jack Torrance, não é? — inquiriu Roscoe, com Jennings acenando a cabeça em concordância!

— Sim, mais exatamente ele, talvez Jack Torrance. Eu pretendo saber por que, quem fez isso — concluiu Greg.

— Mas, Greg, não sabemos quem eram aqueles pistoleiros. Ninguém lhes viu as caras, sumiram como se fossem tragados pela terra! Nós mesmos fomos atrás e não deparamos com pegadas ao chegarmos no Rio Grande!

Tinha sido Jennings quem assim falara.

Então Greg tornou a dizer-lhes com a mesma determinação de antes:

— Vocês são os dois únicos amigos em quem eu confio e com quem conto. Jurei encontrar aqueles cinco assassinos e pegá-los. Talvez os mate, talvez os entregue à justiça. Ê coisa que decidirei na hora. Porém não sossegarei enquanto não o fizer. Entenderam? Queria que fossem comigo.

Disse-lhes o que tinha decidido, acerca de confiar os dois ranchos aos vaqueiros sob a chefia de Goldie. Então, só no fim da explanação é que lhes revelou em parte o que guardara na mente.

— Possivelmente eu, tenha uma pista. Um nome somente, de como se chamava o desgraçado que chefiou aquele bando. Escutei quando um dos celerados o tratou

assim e foi por ele repreendido ao pronunciá-lo. Direi a vocês mais tarde esse nome.

Roscoe e Jennings moveram as cabeças concordando.

— Pois é, amigos, vou atrás dele até encontrá-los. Querem ir comigo? Não sei quando retornaremos. Por isso é que amanhã começaremos a vender metade do rebanho, pois teremos despesas pela frente. Querem ir comigo?

Os dois vaqueiros entreolharam-se, depois fitaram Greg:

— Agradecemos por nos ter convidado. Claro que desejamos ir. Não era necessário perguntar se concordaríamos em acompanhá-lo! Com você seguiremos até o fim do mundo! — disse Roscoe.

O jovem lhes agradeceu, pedindo desculpas per não dizer qual era a pista, porém eles mais uma vez, reiteraram o desejo de encontrarem os assassinos.

Passaram-se alguns dias, uma semana e meia mais ou menos.

Foi preciso, sem dar a perceber a ninguém na cidade, arranjar de maneira que Goldie arrumasse três novos cowboys, cuidasse do rancho de Jack Torrance e daquele que fora de seus pais. Vender o gado sem despertar suspeitas ou curiosidade e receber o dinheiro do comprador das reses em mãos próprias, não pelo banco. Enfim, Greg sabia que não seria um passeio, muito menos um piquenique. Em Verlarde, a mais próxima cidade, foram compradas armas e munições.

Partiram para Penasco. Dali rumariam para Taos e depois Cimarron, pois nesta última cidade sabidamente se encontravam os maiores pistoleiros da região norte e noroeste do território.

Era o terceiro dia de jornada quando subitamente Jennings ergueu-se no cavalo e exclamou alarmado:

— Greg! Olhe lá na frente! Renegados navajos! Estão atacando uma diligência!

CAPITULO QUARTO

Chumbo mortal

A noitada estava movimentada, demasiado alegre e agitada para prenunciar que não demoraria a surgir encrencas.

O Four Corner era o maior e mais luxuoso saloon de Pecos. E estava superlotado, com todas as mesas apinhadas de vaqueiros, proprietários de ranchos, garotas e forasteiros. Principalmente de elementos estranhos que surgiam por lá na cidade em ocasiões semelhantes. Naquele dia começara a feira de gado com muitos rebanhos e comboios acampados nas proximidades do lugar e nas duas margens do Rio Pecos. Aquelas pastagens em tais ocasiões eram alugadas aos criadores que chegavam do Colorado e do Texas principalmente, juntando-se aos que possuíam suas propriedades nas vizinhanças. Compradores vindos de Santa Fé, Dallas, Phoenix, Denver e outras capitais e cidades importantes, até mesmo do Leste, surgiam acompanhados de seus bandos de guarda-costas e cowboys, os primeiros para proteger-lhes o ouro e dinheiro que carregavam; os outros para conduzir as manadas adquiridas. Obviamente, na esteira deles todos, vendedores e compradores, surgiam jogadores, prostitutas, malandros e pistoleiros, aumentando ainda mais o já elevado número de marginais que habitualmente faziam de Pecos, seu lugar

predileto de concentração, maquinação de planos e também de refúgio, pois agiam preferencialmente fora do condado.

Como não tinham na maioria suas cabeças a prêmio, nem possuíam retratos nos cartazes de procurados pela lei, as autoridades se viam impotentes para pôr-lhes as mãos. Pelo menos em Pecos.

Joel Langley viu o homenzarrão que todos chamavam com admiração, respeito e temor de Texas Rock, esbofetear o garçom, simplesmente porque o pobre homem desequilibrara-se ao passar por entre as mesas tropeçando em uma perna propositalmente estendida para derrubá-lo. Ao tombar com a bandeja cheia de copos e garrafas que se estatelaram no chão, alguns respingos de bebida sujaram as botas do chamado Texas Rock. Foi o suficiente para que o brutamontes se erguesse, raivoso e violento, acertando um tapa no rosto do empregado do bar que o fez quase voar por cima das outras mesas e desabando no assoalho.

Os companheiros de Texas Rock gargalharam alegremente diante da cena, e o avantajado vaqueiro obrigou ainda a sua vítima a limpar-lhe as botas com um guardanapo que trazia dobrado no braço.

Até esse momento, embora contendo a custo a ira que lhe invadia o ser, Joel Langley procurou permanecer alheio ao incidente.

Depois apareceu uma das muitas garotas do saloon, da qual, Joel sabia o nome. Era Sarita Gomez, mexicana de baixa estatura, linda e sedutora. Ela foi puxada pelos braços e obrigada a sentar-se sobre os joelhos de Texas Rock. Então Joel decidiu manter-se na expectativa para ver o que acontecia.

Ele sabia que a garota trabalhava no Four Corner para sustentar pai, mãe e dois irmãozinhos menores, muito pobres e necessitados. Ainda que Sarita saísse e dormisse

com alguns homens, a moça escolhia quem lhe agradava e nem sempre aceitava os convites e propostas, reservando-se o direito de fazer amor com aqueles que lhe eram simpáticos, e generosos,

— Solte-me, por favor! Tenho que trabalhar! Largue-me! — bradava quase chorando a mexicana, apertada entre os braços gordos e compridos do texano.

Joel também estava a par de que o brutamontes era capanga de um rancheiro de Forth Worth. A boiada do patrão de Texas Rock estava acampada perto da cidade, ao lado do Rio Pecos.

Igualmente conhecia a fama de valentão, cruel e desordeiro que cercava o chamado Texas Rock. Nada disso o fazia sentir-se amedrontado. Apenas precavido, Joel tinha certeza de que aqueles tipos na mesa do gigante eram vaqueiros e capangas do patrão de Texas Rock. Talvez houvesse mais alguns espalhados pelo saloon.

— Por favor, señor! Deixe-me ir! Tengo que trabajar! — prosseguia Sarita implorando, com lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces, em uma mistura de inglês e espanhol. A garota tentava debater-se e fugir, mas era-lhe impossível.

— Ah! Ah! Ah! — ria debochadamente Texas Rock. — A mexicaninha vagabunda tem que trabalhar, hein? O que pensa que está fazendo agora, mestiça nojenta? Está trabalhando! E de graça, para o sujeito mais valente e mais macho de todo o Oeste! Pessoal, que acham? Vou levar esta novilhinha petiza para a cama! Vejam só! Ela mal chega ao meu peito!

Erguendo-se e mantendo a garota bem presa pelos braços, o grandalhão mostrou aos companheiros, que riam e debochavam também, como era evidente a diferença física entre ambos. Sarita, segura e espremida entre as mãos

e o corpo do sujeito mais se assemelhava a uma boneca amassada nos braços de um garoto malvado, sádico e avantajado.

— Você vai ver um homem de verdade, mexicaninha vagabunda! — disse Texas Rock subitamente, rasgando a alça do vestido da moça e expondo nus os dois seios pequeninos. Uma das mãos dele, enorme e abrutalhada cobriram-nos, espremendo-os com força e obrigando a garota a soltar um grito de dor.

Mais gargalhadas se ouviram. De Texas Rock e seus parceiros.

Das mesas vizinhas, no balcão onde estavam encostadas muitas pessoas bebendo ou presenciando, até de parte dos barmans e dos garçons, ninguém parecia se importar. Fingiam ignorar, voltando os rostos, ou covardemente também riam, deixando a garota à sua própria sorte. As demais moças, estas, sim, mostravam temor e apreensão em seus rostos maquilados. Porém se viam impotentes para fazer qualquer coisa.

Quando Texas Rock violentamente aprisionando Sarita bem junto do seu corpanzil, abaixou o rosto e mordeu um dos seios da garota fazendo-a soltar um berro de dor, Joel Langley julgou chegada a hora de agir.

Ergueu-se agilmente de onde estava sentado já com dois Colts, empunhados, um em cada mão. Contudo, acionou o gatilho apenas daquele que estava na esquerda.

Os dois balaços ecoaram sinistramente, e como que a um só tempo cessaram os risos, as conversas e os cochichos por todo o saloon!

Texas Rock, de olhos esbugalhados, viu o seu chapéu de abas largas que até então trazia sobre a basta cabeleira ir parar longe. E o braço com que tentava segurar o corpo da moça, jazia inerte com sangue a escorrer!

— Solte a moça e lute com um homem, seu monstro! — disse Joel, com voz surda, rouca e firme.

Dois dos companheiros de Texas Rock imediatamente mexeram-se nas cadeiras e tentaram sacar suas armas.

Mais dois tiros se ouviram.

Dessa feita, do Colt na mão direita do rapaz.

Girando sobre eles mesmos, com furos na testa dos quais esguichava sangue, os comparsas do brutamontes desabaram para o chão, de onde não mais se ergueram. Apenas tiveram algumas convulsões em meio ao sangue, depois imobilizaram-se definitivamente.

— Saia daí, Sarita — disse Joel Langley. — Vá para outro lugar.

A garota mais do que depressa escapuliu de junto do homenzarrão refugiando-se tom outras moças, perto do balcão.

— Maldito! — rugiu Texas Rock, como se o ferimento no braço já não mais o afetasse, embora o sangue afluísse empapando-lhe a manga do casaco de camurça.

Joel Langley o fitava.

Os olhos negros, duros e cintilantes, pareciam trespassar o brutamontes que se sentiu incomodado. Pela primeira vez talvez, em um átimo de seguindo, alguma coisa parecida com medo, espanto e receio perpassou pela fisionomia animalesca de Texas Rock.

— Dá-lhe o troco, Texas! — gritou alguém de uma mesa próxima.

Joel, atento aos possíveis comparsas, pelo canto do olho direito viu um sujeito bem vestido, de meia idade, acompanhado de dois outros que, sem dúvida, eram seus vaqueiros. O rapaz o reconheceu. Era o rancheiro de Fort Worth e patrão de Texas Rock. O único ainda com vida na

mesa do homenzarrão, parecia estranhamente quieto, como se aguardasse uma oportunidade para pegá-lo de surpresa.

Foi nesse que Joel Langley concentrou sua atenção, com a arma na mão esquerda.

— Maldito! Desgraçado! — tomou a bradar Rock como se tivesse repentinamente sido tomado por um acesso de loucura.

Com o braço são, abaixando-o com a mão enluvada já tocando o cabo de sua arma prosseguiu:

— Ninguém jamais insultou Texas Rock! — berrou desvairadamente o gigante, que parecia tremer de cólera — Nenhum só homenzinho no mundo e fora do Texas ousou desafiar-me, maldito!

— Dê o troco e pare de conversa, Texas Rock! — gritou então, mais uma vez, o sujeito que Joel Langley tinha identificado como o chefe do grandalhão.

O rapaz, entretanto, mais do que preocupado 'com o próprio Rock, seu patrão e os dois cowboys na mesa deste último, esperava a reação do terceiro comparsa estranhamente quieto e junto do brutamontes.

Fingiu-se então preocupado em examinar as cargas de seus dois Colts em ambas as mãos, abaixando a vista.

Era o que o capanga de Texas Rock parecia estar desejando.

Como uma cascavel ao dar seu bote mortífero, o sujeito chutou a cadeira do seu lado e ergueu-se com um trinta e oito na mão!

Joel Langley abaixou-se ajoelhado, e disparando!

Os projéteis do outro sibilaram por. cima do rapaz cravando-se na parede. Porém o Colt na mão direita rugiu, uma, duas vezes! Como se fosse empurrado por mãos invisíveis, obrigado a dançar e rodopiar, o derradeiro companheiro do gigante com um par de orifícios negros e

sangrentos na fronte deixou cair a arma. Dobrou-se e estatelou de borco no chão, estremecendo, esticando pernas e braços como que ansiosa e desesperadamente tentando agarrar-se nas pernas da mesa. Logo aquietou-se em um charco do seu próprio sangue...

— Maldito! — rugiu Texas Rock.

Joel Langley sabia que só tinha mais duas balas, uma em cada revólver.

Apertou o gatilho quando seu adversário já tirava a arma do coldre.

Os estampidos ecoaram secos e certeiros. Uma bala em cada mão do sujeito grandalhão, que gritou de dor, largando o revólver e olhando estupidamente para o sangue que afluía. Ambas as mãos de Texas Rock ficaram estraçalhadas! Jamais em sua vida o monstruoso indivíduo poderia usá-las, sequer para segurar uma palha!

Caindo sobre a cadeira e surpreendentemente choramingando, ao mesmo tempo em que proferia palavrões e obscenidades, Texas Rock sacudia o corpo em tremores convulsivos.

Imediatamente Joel Langley tirou balas da cartucheira e agilmente remuniciou os dois Colts.

Enquanto todo mundo no saloon permanecia silencioso, olhando-o e aguardando, ele tranquilamente já com as armas nos coldres, um de cada lado, voltou-se para o estupeficado rancheiro de Forth Worth e patrão de Texas Rock. Os dois cowboys nem piscavam, procurando beber rapidamente o que restava em seus copos.

— Quer vingar o seu famoso e valente capataz, senhor? — perguntou em um tom de voz mordaz, com meio sorriso no rosto simpático, de cabelos e bigodes loiros.

O outro olhou para todos os lados e somente viu voltarem-se os rostos e ignorá-lo. Empalideceu, tremeu e tossiu intranquilo.

— Estou esperando, senhor... — tomou a dizer Joel Langley.

O rancheiro texano suava em bicas.

Então uma voz da porta do saloon se fez ouvir.

— Já basta, Joel Langley. Agiu em defesa própria. Não é necessário mais nenhuma morte!

Joel Langley! Quem não o conhecia pessoalmente, certamente já ouvira falar no nome. Não foi semente o patrão do choroso Texas Rock quem empalideceu. Todos estremeceram e mais do que antes fingiram concentrar-se nas suas bebidas. Joel Langley! Se Texas Rock e os capangas o conhecessem, teriam agido de outra forma.

Um homem de cabelos grisalhos, baixo e gordo, cruzou o saloon aproximando-se do rapaz. Tinha preso ao peito um emblema de ouro e prata que o identificava como delegado federal.

— Vamos embora daqui, Joel — disse tocando amigavelmente no braço do rapaz, que, após olhar para o homenzarrão quase caído sobre a mesa e para o seu patrão um pouco mais além, tirou as mãos de perto dos coldres e seguiu o representante da lei para fora do bar.

Joel havia vislumbrado, logo no início, que havia um comissário e um ajudante encostados no balcão. Porém os dois abaixaram-se de costas para ele, como se não quisessem intrometer no que estava acontecendo. Eles já o tinham reconhecido. O xerife não estava.

Assim também como tinham imediatamente identificado o delegado federal. Cass Templar do seu lado.

Aqueles que temiam enfrentar Joel Langley, certamente não se arriscariam com o aparentemente inofensivo velhote

de baixa estatura e um tanto obeso, que saía calmamente com quem acabara com os três pistoleiros e inutilizara para sempre o brutamontes que espalhava o terror e o medo por onde pisasse. Nem o xerife, muito menos seu ajudante, se meteriam com nenhum deles.

Mal chegaram à rua, Cass Templar disse melancolicamente:

— Fez bem, Joel. Gostei de ver, mas tenho notícias urgentes e nem um pouco alegres para lhes dar. Mataram Jack Torrance!

— O que está dizendo? — exclamou Joel, parando e segurando o delegado por um braço.

— Sim, rapaz. Infelizmente é verdade. Não apenas eliminaram o nosso querido amigo e companheiro, como também acabaram com a sua noiva, com o pai e a mãe dela, mais uma garotinha mexicana e o padre da igreja, no instante em que saíam do templo católico em Dixon. No justo instante em que Jack acabava de se casar!

— Meu Deus! — exclamou Joel atônito. — Quem fez isso? Foi uma chacina, capitão!

— Sim, Joel, um massacre! Cinco pistoleiros com os rostos encobertos por lenços surgiram inesperadamente, atirando nos noivos e nas pessoas que surgiam logo atrás deles na porta da igreja! Fugiram, desaparecendo no Rio Grande.

— Não deixaram nenhuma pista? — indagou Joel.

— Nada — respondeu Cass Templar, acrescentando logo: — Mas recebi agora à tarde uma carta de meu amigo Paul Britt. Você o conhece é o xerife de Dixon, sujeito honesto e leal. Contou-me os pormenores dos assassinatos, acrescentando que estava preocupado com o irmão da noiva de Jack. Chama-se Gregory Mallory e desapareceu do seu rancho e da cidade. Britt tem certeza de que o rapaz saiu à

procura dos matadores, desejando fazer justiça com as próprias mãos, vingando a irmã e cs pais. Britt descobriu também que o jovem Greg Mallory comprou armas e munições para si e dois companheiros, amigos e antigos vaqueiros do rancho.

— Não o condeno por essa atitude — disse Joel Langley em um tom de voz baixo. — No lugar dele, faria a mesma coisa. Entretanto, sem nenhuma pista, andará às cegas por aí e, isso sim, é perigoso pois...

Cass Templar o interrompeu:

— Não é o que pensa o xerife Paul Britt. Segundo ele, embora tenha se mantido silencioso, furtivo e esquivo, Greg Mallory talvez haja descoberto alguma coisa. Estava bem próximo das cinco vítimas no momento em que eram mortas! Britt não consegue atinar com o que pode ser, mas conhece o rapaz, elogia-o muito e acredita que Greg Mallory viu ou escutou algo que usará como ponto de partida para chegar aos cinco assassinos.

— E quem estará por trás deles? —> indagou Joel.

— Precisamente o que nós teremos que descobrir. Eu ficarei aqui, você sairá em campo. Terá que encontrar ou seguir bem de perto esse Greg Mallory, ajudando-o e protegendo-o quando for necessário. Apresente-se ao rapaz no momento propício, diga quem é, esclareça quem foi Jack Torrance. Apanhando os cinco criminosos, chegarão ao verdadeiro culpado.

CAPITULO QUINTO

Revelações e lembranças

Enquanto cavalgava solitariamente pela trilha de Pecos a Cimarron e Taos, Joel Langley ia rememorando lembranças que permaneciam indelevelmente gravadas na sua mente e em seu coração.

Jack Torrance.

Os três, ele, Jack e Cass Templar foram muito unidos na guerra. Enfrentaram juntos sob as ordens do general Zachary Taylor, os mexicanos nas batalhas do Rio Grande, Resaca de la Palma e Monterrey, lutando contra os então poderosos exércitos de Santana. Cass chegara a capitão, enquanto ele e Jack foram promovidos a tenente. Depois da vitória dos Estados Unidos, uniram-se aos federais, patrulhando, policiando os territórios libertados e anexados, em uma espécie de outra guerra, desta feita contra os próprios americanos fora-da-lei, pistoleiros, renegados, assaltantes. Também contra comanches, navajos, apaches e comancheros que infestavam aquelas regiões.

Cass, ele e Jack como delegados federais, apanharam e mandaram para a forca os mais notórios bandidos que, isolados ou em bandos, atacavam e roubavam.

Mais de uma vez uns salvaram as vidas dos outros.

Então, um ano atrás, Jack Torrance recebera razoável herança de uns tios que o criaram no Idaho, anunciando que

deixaria aquela vida errante para fincar os pés no chão, como costumava dizer.

— Vou encontrar uma garota bonita, honesta e que me ame de verdade — foi o que alegara, concluindo: — Eu me casarei com ela, comprando um rancho, criando gado, formando minha própria família.

Joel lembrava-se de que Jack ficara órfão de pai e mãe quando ainda era um garotinho e tinha sido criado por parentes. Mas em suas raras confidências, dizia que gostaria de ter vivido a meninice com os pais que então não existiam. A herança, conforme havia mencionado, se não era grande, pelo menos lhe asseguraria meios para instalar-se confortavelmente com o próprio rancho, criar gado e progredir.

Em esparsas cartas que tanto ele como Cass Templar recebera, o velho companheiro narrara que conhecera finalmente a moça de seus sonhos e que se casaria com ela. Informara, também, que já possuía um rancho, que começara a criação de gado e anunciava a data do enlace.

Sim, Jack os tinha convidado para assistir sua união matrimonial. A ele e ao capitão, mas justamente naquela ocasião tinham saído de Pecos para uma missão em El Paso, na fronteira mexicana. Assim não somente deixaram de tomar conhecimento da data do casamento, como se viram impossibilitados de comparecer.

Todavia já tinham combinado, ele e Cass, que fariam uma visita aos recém-casados em Dixon, na primeira oportunidade. Jack os prevenira que a família da sua noiva, tanto quanto os familiares e conhecidos que fizera por lá, ignoravam sua condição de antigo delegado federal. Por isso queria fazer-lhes uma surpresa com a revelação e suas presenças.

Nada disso, contudo foi possível.

As mortes do companheiro e de quase toda a família da noiva conforme ficara ciente na véspera, colocara fora de cogitações essa visita. Mas não impediria que ele por um lado e Cass por outro, procurassem botar as mãos nos assassinos.

Enquanto cavalgava e repassava na memória esses pormenores, Joel Langley reteve algumas palavras de Cass. Gostaria de conhecer e juntar-se àquele irmão da noiva de Jack. O companheiro lhe dissera o nome dela, Katherine ou Kate, como gostava de ser chamada. Talvez o xerife Britt tivesse razão, ao argumentar na carta para o capitão, que suspeitava se achar Greg Mallory de posse de alguma pista. Pois do contrário, não ficaria como aparentava ainda que discreta e furtivamente, tão determinado a sair no encalço dos matadores.

Joel fixou na lembrança uma das raras cartas de Jack, aliás a penúltima delas. O antigo companheiro dizia que havia transferido todo o dinheiro da sua herança para o único banco de Dixen, que já retirara parte para adquirir o rancho, comprar gado bem como para outras despesas. Havia, recordava-se nesse momento, aquele trecho em que confessava sentir-se um tanto inquieto embora não houvesse motivos para tal, segundo tudo aparentava. Jack havia escrito que Kate, sua noiva, tivera alguns admiradores e pretendentes e que receava a reação pouco amigável de alguns deles pois, havia acentuado, quando efetuava as compras da propriedade e do primeiro rebanho, vislumbrara como que ressentimento, inveja e má vontade que somente poderiam resultar do fato de ter sido ele o eleito da jovem Mallory.

Joel Langley tinha prestígio na sua atividade de delegado federal. E fama, justificada aliás, como perigoso,

atirador rápido e certeiro, incansável farejador e caçador quando ficava no encalço de algum fora-da-lei.

O que ocorrera na véspera no Four Corner não o perturbava nem um pouco. Talvez o chamado Texas Rock, mesmo incapacitado de mover um dedo de quaisquer das mãos para sempre, arranjasse pistoleiros para tentar apanhá-lo, vingando-se. O próprio rancheiro de Fort Worth e patrão do brutamontes, quem sabe, igualmente procuraria revidar a humilhação sofrida diante de todos no saloon. Mas isso não preocupava Joel Langley. Antes de mais nada, urgia nesse momento encontrar 'aquele Greg Mallory e seus dois vaqueiros.

Obviamente Joel Langley não conhecia suficientemente bem o irmão de Kate, ou não pensaria assim. Em uma coisa estava certo o agente federal. Baseando-se na circunstância de terem os cinco pistoleiros e assassinos desaparecido nas margens do Rio Grande, o certo é que não poderiam tê-lo cruzado naquele mesmo lugar nem submergido para sair do outro lado, porque aquele era um rio diferente do Pecos e dos outros que cortavam a região. O Rio Grande, via de regra, caudaloso, cheio de pedras e correntes violentas, com altos barrancos em ambas as margens, raramente apresentava pontos rasos, estreitos e de fácil ultrapassagem.

Sim, havia sítios onde cavaleiros e manadas passavam de um para outro lado. Porém não naquela parte próxima de Dixon que existiriam. Joel Langley já seguira tantas vezes rio acima e rio abaixo nas suas margens, atrás de bandidos ou fazendo investigações, que poucos segredos tinha para ele o referido curso de água.

Então, pensava o rapaz, se não passaram a nado, não mergulharam, e tampouco se depararam com marcas das patas dos cinco cavalos nas margens de um e de outro lado, é porque se utilizaram de um truque velho que até os índios

já utilizaram... Simplesmente envolveram as patas dos cavalos em panos e volveram... Talvez até mesmo para Dixon!

Essa dedução inquietou Joel Langley.

Assim também como o fez recordar-se de palavras escritas por Jack Torrance.

No entanto, também essa hipótese, prosseguiu com seus próprios pensamentos, poderia ser engendrada por um cérebro muito astuto, muito sagaz, para lançar confusão entre aqueles que perseguissem e investigassem a rota de fuga dos criminosos. Mesmo enrolando trapos de pano nos cascos das montarias, poderiam ter seguido adiante costeando o rio. Então desapareceriam em um daqueles pontos, ficando nas áreas de Taos, Pueblo, Pecos ou Cimarron. Em um lugar qualquer dos referidos condados se encontraria agora Greg Mallory e seus companheiros.

Mas, em qual deles?

Joel Langley não podia se achar em todos eles ao mesmo tempo, nem em um mesmo dia!

Contudo seguiu sua intuição.

Dirigiu a montaria para os lados de Pueblo, contornando Dixon, indo pela trilha que alcançava Arroyo Hondo. Era o mais próximo e possível também do Rio Grande.

Subitamente lembrou-se de que em Pecos, depois que saíra com Cass Templar, o capitão lhe havia dito:

— Quando andar por aí não se esqueça de que os navajos de Cão Amarelo fugiram da Reserva Divide e pululam por toda parte, assaltando e lançando pânico nos moradores dos ranchos, atacando caminhantes, comboios e diligências. Já pedi ao coronel Fergus que mandasse tropas de cavalaria do Forte Wingate, porém elas não chegarão imediatamente. Pete Tracy foi para lá. Recordando essas

palavras, Joel Langley apressou instintivamente o galope de seu cavalo.

* * *

Mal Jennings pronunciara seu brado de alarme, Greg e Roscoe ergueram-se nas suas selas e procuraram observar melhor através da poeira levantada entre eles, a matilha de índios e a diligência em disparada pela trilha.

— Vamos, companheiros — exclamou o rapaz.

Com os rifles nas mãos, os três homens cutucaram as ilhargas das montarias indicando que tinham pressa. Os animais como que entenderam e céleres alargaram os passos como se pretendessem voar no terreno à frente.

Os seis navajos mais atrás foram os primeiros a pressentir a aproximação deles.

Um dos índios, gritando exasperadamente, conseguiu chamar a atenção de dois outros que se viraram, cavalgando volteados nos lombos dos pôneis e apontando as armas para os três que se acercavam rapidamente deles.

Porém as armas de Greg, Jennings e Roscoe foram mais rápidas. Eles portavam rifles com maior potência e alcance, que a cada detonação seguia-se um tombo de índio. Certeiros nas pontarias, o rapaz e seus amigos conseguiram de pronto reduzir o bando à metade. Todavia os restantes já haviam pressentido o novo perigo, e preparavam-se para enfrentá-lo.

A um gesto de Greg, todos se separaram, espalhando-se ao longo da trilha. Outros dois navajos mortos ou bastante feridos desabaram rolando na poeira da estrada, enquanto seus pôneis prosseguiam sem cavaleiros, instintivamente colocando-se perto das parelhas que puxavam a diligência.

O único remanescente dos seis peles-vermelhas que iam atrás, aumentou o galope e foi para o costado traseiro da viatura onde se achava empoleirado aquele guerreiro que tentava a todo custo galgar o teto da carruagem, e só não o fazia porque Stan Lee, a cada vez que assomava o topete do índio, disparava fazendo-o desistir.

O guarda tinha avistado os três recém-chegados e gritara entusiasmado para o condutor:

— Estamos recebendo ajuda, Teddy Yaley!

— De quem? — perguntou o cocheiro, preocupado em continuar manobrando as parelhas em ziguezague, e com aquele navajo que insistia em montar em um dos animais atrelados. — Finalmente alguém acordou aí embaixo?

— Não, companheiro. São três cavaleiros que se aproximam por detrás! — respondeu quase berrando Stan Lee, para ser ouvido.

Porém um pouco adiante a trilha bifurcava entre dois altos barrancos em ambos lados da estrada, impedindo que Teddy continuasse naqueles ziguezagues. O navajo então firmou-se com mais facilidade e em um salto galgou por cima do arreiame em que estava atrelado o animal mais próximo.

Teddy gritou alarmado para Stan, porém este se achava ocupado em impedir a escalada que já não era de um só, mas de dois índios.

Foi Greg quem, chegando bem atrás, vislumbrou o perigo e avisou os dois companheiros:

— Cuidem destes porque irei pegar aquele lá na frente!

Roscoe e Jennings não aguardaram uma segunda oportunidade.

Próximo dos navajos, quase à queima-roupa, dispararam as suas armas, e a dupla que desesperadamente segurava-se nas alças que levavam ao cimo da carruagem

despencou para o chão, por baixo das rodas traseiras da diligência! Os seus berros de dor foram curtos, e quando o coche se sacolejando por cima dos corpos adiantou-se, nada mais restavam senão pedaços dos cadáveres...

Greg colocou-se bem ao lado do índio que procurava deter no cavalo montado, todas as parelhas. Ao ver o rapaz, o rosto pintado do navajo pareceu transtornar-se com fúria e ódio, porque já tinha visto o que acontecera aos demais. Ergueu o corpo seminu e pulou para cima de Greg Mallory. caindo ambos no chão duro da trilha, engalfinhados em uma luta de vida ou morte. A diligência, com Tedd Yaley calcando os pés nas traves e puxando as rédeas, foi deter-se alguns metros adiante com Roscoe e Jennings quase de lado. Todos os passageiros observaram estarrecidos o combate corpo-a-corpo no solo.

O navajo sacou de uma longa e afiada lâmina agitando-a no ar antes de abaixá-la. Greg esquivou-se e fugiu ao golpe, erguendo uma das pernas. A ponta fina e cortante de sua bota foi cravar-se no rosto do pele-vermelha com tal impacto que praticamente a parte inferior desapareceu amassada e sangrenta!

Largando o punhal, desvairado e enlouquecido de dor, o índio levou as mãos ao que sobrara na face descarnada, com o queixo enterrado no céu na boca. Greg não aguardou mais, pois embora tivesse deixado tombar o rifle ao ser atacado, mantinha ainda o revólver no coldre. Sacando-o rapidamente apertou o gatilho continuamente, jogando o navajo para trás a cada bala. Todo ensanguentado e cheio de perfurações no peito, o pele-vermelha cessou toda. e qualquer resistência, desabando de uma vez por todas.

Teddy e Stan Lee pularam alvoroçados lá de cima da boléia, correndo com amplos sorrisos nos rostos cansados,

para os três recém-chegados, agradecendo e estendendo-lhes as mãos.

Todavia, para Greg foi Susan Winkler quem, entre os passageiros se mostrou mais comovidamente feliz, pois adiantando-se cumprimentou o rapaz e seus dois companheiros, apresentando-se e dizendo da satisfação que sentia por tê-los visto chegarem e salvá-los.

Embora Greg não se achasse ainda suficientemente com disposição para demonstrar qualquer efusão de sentimentos, sorriu ante as palavras da moça. Susan Winkler era alta e magra, e vestia-se com elegância. Talvez não tivesse como Jessica Graig aquele ar imponente e estudado que impunha respeito, admiração e até mesmo constrangia quem não a conhecesse melhor, como ele, por exemplo.)á Susan era uma garota espontânea, amável e atraente, dela emanando um quê de sensualidade que o rapaz não poderia explicar logo à primeira vista. Dificilmente perceberia isso em Jessica, mais fria e sabendo manter-se distante, conforme a situação e o momento.

— Gostaria de voltar a vê-lo, Greg Mallory — disse Susan, quando se despediam, pois, Tedd e Stan já tinham retornado à boléia e os demais passageiros também tornavam a se acomodar no coche. — Você e seus dois amigos, naturalmente. Não é mesmo, papai? — concluiu, sorrindo.

O velho Sam Winkler, que começava a subir a escadinha para a carruagem, voltou-se imediatamente e concordou:

— Sim, sim. Claro que ficaremos felizes em tornar a encontrá-los. Claro, claro!

Depois, hesitando um passo antes de entrar no coche, sorriu meio encabulado e disse-lhes:

— Samuel Winkler não se esquece daqueles que o ajudam, muito menos quando lhe salvam a vida e a de sua filha, minha querida Susan, a coisa mais preciosa que possuo. Se precisarem de qualquer coisa, rapazes, me procurem! Muito obrigado, boa sorte e adeus!

O pequeno discurso emocionado do velho banqueiro à última hora, comoveu Greg e seus companheiros.

Susan, entretanto, acrescentou algo mais, e muito pessoal somente para o rapaz:

— Eu ficarei esperando-o.

Depois, quando a diligência já ia se distanciando, Greg pôde vislumbrar a moça com a cabeça e um braço para fora da janelinha da carruagem, sorrindo-lhe e acenando.

Alguma coisa explodiu no coração dele.

Sentiu uma espécie de solidão, de necessidade de afeto e de amor. Com Jessica Craig, estranhamente, quando ela foi visitá-lo no rancho alguns dias antes, não percebera dentro de si qualquer coisa parecida.

Acenou também em resposta até que a viatura sumiu na imensidão da trilha cortando a planície lá longe...

Os navajos mortos e grotescamente estirados no chão ao longo da estrada permaneceram onde/ haviam caído, com os pôneis calmamente pastando por perto. Os três cavaleiros passaram por eles sem olhá-los e prosseguiram a jornada.

CAPITULO SEXTO

Investigações e mais revelações

Nos três dias que se seguiram ao ocorrido no Four Corner e da partida de Joel Langley, o delegado Cass Templar dedicou-se com afinco às suas investigações em Pecos e nas imediações.

Terminara a feira de gado e a cidade retornava ao normal, embora sem perder o movimento de vaqueiros e rancheiros das cercanias, e da chegada e saída de forasteiros. Pecos se constituía em um centro estrategicamente situado para encontros de foras-da-lei, os quais embora não agissem ali, se utilizavam de seus bares, hotéis e antros de jogatina para planejar ações em outros lugares.

Cass Templar deixava a manutenção da ordem na cidade a cargo do xerife e seus ajudantes.

Soubera na véspera que condutores de diligências tinham avistado vários corpos de navajos na trilha e que os abutres e coiotes já começavam a banquetear-se com eles. Isso lhe causou estranheza a princípio, convencendo-se de que Cão Amarelo certamente se afastara daquela região ao saber da aproximação da cavalaria. Os índios não costumavam abandonar seus mortos tão facilmente, e só o faziam quando receava encontrar-se com inimigos perigosos. O chefe navajo, por outro lado, tinha plena

consciência de que, caindo nas mãos do exército, seria enforcado para servir de exemplo aos demais, e não apenas mandado de volta para a Reserva de Divide.

Cass Templar além de um farejador obstinado, era também um homem de investigações e análise dos fatos e das pessoas.

Possuía vários informantes entre aqueles que frequentavam bares, cassinos e dancings. Na maior parte, pobres-diabos que cometiam crimes que jamais valiam as despesas de julgamentos, mas que lhe deviam favores. Perguntando-lhes, mandando-os procurar, em nenhum momento teve a menor pista da chegada ou passagem que fosse por Pecos, de um bando de cinco homens. O delegado partira do princípio de que o grupo executante de crime tão bárbaro quanto misterioso como aquele cometido na porta da igreja em Dixon, obviamente manteria unidos por algum tempo os seus autores. Era o código dos bandidos, imperante entre os marginais que não confiavam uns nos outros e mantinham a segurança vigiando-se mutuamente. Mesmo que o quinteto responsável pelo massacre fosse uma quadrilha de fora, contratada por alguém de Dixon ou de qualquer outra cidade da região, alguma informação vazaria no submundo criminoso de Pecos e lhe chegaria aos ouvidos através de um daqueles alcaguetes.

Nada pôde Cass Templar ficar sabendo, o que lhe parecia muito estranho e fugia completamente às normas habituais. Os segredos têm pernas curtas no Oeste, era público e notório. Por isso, quando se revelava um ou mais nomes como autores de homicídios e assaltos, dificilmente se chegava até esses criminosos, a menos que agisse rapidamente. Na maioria das vezes, tudo terminava com caçadas que ultrapassavam os limites territoriais do Novo

México, Texas, Arizona, Colorado e Utah, cabendo aos federais tais missões.

Em seu pequeno escritório, achava-se no momento sozinho. Joel Langley estava fora e o outro delegado, Pete Tracy, tinha se juntado à tropa de cavalaria em algum ponto da região para desbaratar e aprisionar Cão Amarelo e seus renegados navajos. Cass Templar meditava, relia as cartas de Jack Torrance, tentando descobrir nas entrelinhas alguma coisa que pudesse indicar a pista pela qual ansiava. Tinha em mãos cinco missivas, três endereçadas a Joel Langley, que este lhe entregara,, e duas para ele. Foram as únicas escritas pelo antigo companheiro e amigo no espaço de quase um ano. Aliás, Jack nunca fora um amante de trocar correspondência. Porém, quando se dirigia a alguém, como eles que foram seus parceiros e confidentes como delegados federais e antes haviam compartilhado das agruras e dos perigos da guerra, parecia perder a natural inibição e até alongava-se nos escritos.

Persistia na mente de Cass Templar o enigma do sumiço dos cinco cavaleiros na margem do Rio Grande, e nenhuma pista ser encontrada nem daquele lado nem do outro, como se houvessem entrado na água e afundado para sempre.

O que Joel Langley já imaginara lhe acudiu à mente.

Talvez não fossem assassinos contratados fora, nem no Novo México nem em qualquer dos territórios vizinhos. Era possível que se tratasse de pessoas das vizinhanças de Dixon, até mesmo da cidade. Uma vez chegados ao Rio Grande, tinham se utilizado do velho e sempre eficaz estratagema de embrulhar as patas dos cavalos em panos para não deixar pegadas. Depois retiravam os lenços dos rostos e calmamente retornavam para trás, até mesmo se juntando aos seus perseguidores. Era difícil de acontecer, mas não se tratava de uma hipótese impossível.

Após assim meditar, Cass Templar pôs-se a reler pela sexta vez as cartas de Jack Torrance.

Foi quando ouviu bater de leve na porta do seu escritório.

Já era tarde e ele dormia ali mesmo nos fundos.

Não se escutavam mais ruídos de cavalos ou viaturas na rua, e os únicos sons provinham dos saloons e botequins das proximidades.

Com o revólver engatilhado na mão perguntou sussurrante:

— Quem é?

Uma voz trêmula e apreensivamente rouca murmurou em resposta:

— Abra, delegado Templar. Sou eu, Lippy, o magriço.

Cass franziu os olhos interrogativamente.

Lippy, o magriço, um sujeito alto de mais de dois metros de estatura que pesaria menos de quarenta quilos. Costumava andar pelos bares e cassinos, silenciosamente. E escutava as conversas. Ninguém lhe conhecia o nome verdadeiro.

Por isso se tomara um alcaguete do delegado.

Cass Templar salvara-lhe a vida logo que chegara a Pecos, quando tentavam enforcar alguns vagabundos e bêbados que acusavam de ter botado fogo em uma estrebaria. Entre os mesmos estava Lippy. O então novo delegado federal provara não terem sido aqueles quatro bêbados que dormiam entre a palha do estábulo os responsáveis pelo incêndio, e, sim, um sujeito apanhado também embriagado em outro boteco. Desde então aqueles homens dedicavam atenção a Cass Templar e o ajudavam com informações.

O que estranhou a Cass no momento foi que dois dias antes o mesmo Lippy, o magriço, após tentar saber alguma coisa, voltara para dizer que nada ficara sabendo.

Abriu a porta e deixou o sujeito entrar.

O magriço como sempre fedia a uísque barato e suor, pois era óbvio que não sabia o que era tomar banho desde há muito tempo.

— Delegado... — murmurou, olhando para os lados e para a porta. — Stella Milligan ela... lá na villita... disse-me que... um sujeito estranho andou na sua e nas outras casas bebendo... vangloriando-se de ter efetuado com mais quatro sujeitos... em outra cidade... um crime que... ninguém conseguiu... descobrir.

— Onde está ele? Como se chama? — inquiriu Cass.

— Não sei..., mas Stella Milligan... disse que ele prometeu voltar a casa... dela! Talvez... hoje mesmo.

A villita mencionada por Lippy, era um pequeno bairro afastado do centro de Pecos, onde em várias casas imundas moravam prostitutas que não tinham acesso aos saloons, bares e dancings. Pobres e infelizes mulheres que tinham perdido ou começavam a perder a beleza, e que naqueles casebres de tábuas se dedicavam à mais antiga das profissões. Eram procuradas por homens que não queriam frequentar os antros mais luxuosos e caros da cidade. Também por aqueles que não desejavam ser vistos ou não tinham dinheiro suficiente para pagar as garotas em evidência na Main Street.

— Essa... Stella Milligan... sabe que você viria me contar? — indagou o delegado.

— Sim... ela... está com medo, muito medo! — respondeu Lippy, que não escondia, como todo alcaguete, sua apreensão e receio, olhando com desconfiança para os lados, como se fosse observado.

— Vamos lá então. Eu falarei com ela e o protegerei— disse Cass Templar.

— Espere, delegado! — exclamou Lippy, algo assustado —Irei... na frente...para ocaso de ver... senão há ninguém... o senhor chegará uns... vinte minutos depois... está bem?

— Está, Lippy — concordou Cass Templar, concluindo: — Siga adiante e me espere na casa dessa moça.

O magriço saiu depressa. Parecia correr na rua silenciosa e deserta com suas pernas compridas e céleres, apesar de já estar meio bêbado.

O delegado tinha ao lado uma pequena cocheira onde, com Joel Langley e Pete Tracy, guardavam os animais. Encilhou seu potro, verificou a arma no coldre e montou, saindo devagar rua acima.

Na villita, lembrava-se, moravam brancas, mexicanas, mestiças e até algumas índias. Stella Milligan, recordava-se, parecia ser dentre elas a mais conhecida por conservar ainda um pouco de beleza e sedução, embora fosse uma loira já passando dos limites atraentes com a gordura que rapidamente tomava conta de seu corpo.

Também na villita não se podia vislumbrar nenhuma luz, e a escuridão aliada ao silêncio apenas cortado por lúgubres latidos de cães, causava uma espécie de apreensão. Nenhum cavaleiro, nenhuma voz!

Enquanto cavalgava no rumo da penúltima das cabanas que Cass Templar sabia ser a moradia de Stella, o delegado imaginava que Lippy, já deveria ter chegado. Aguardou, no entanto, alguns minutos para prosseguir.

Por entre as paredes de tábuas enxergou faixas de luz de lampião, o que indicava se achar a mulher e Lippy aguardando sua chegada. Antes de acercar-se e desmontar,

olhou em torno e não viu nada nem ouviu qualquer som suspeito.

Mal bateu com os nós dos dedos, q porta foi aberta.

Stella Milligan, envergando um velho e desbotado roupão de seda olhou-o temerosa. Lippy, do lado, esboçou algo que poderia ser parecido com um sorriso.

Fechando a porta por trás, o delegado federal disse:

— Conte-me tudo, Stella. Não tenha medo porque eu mandarei que o xerife a proteja de hoje em diante.

Viu que os semblantes de Stela Milligan e de Lippy, o magriço, subitamente se transformaram. Arregalaram os olhos e pareceram querer dizer algo. Porém, antes que pudesse voltar-se, sentiu algo duro, violento e rápido bater no seu crânio! Tentou agarrar-se em um derradeiro fio de força à única cadeira próxima, mas faltaram-lhe energias. Dor profunda, quase explodindo-lhe o cérebro, seguida da inconsciência fizeram-no vergar o corpo e desabar ao chão. Não sentiu, não percebeu mais nada.

Cass Templar não pôde saber quanto tempo ficou desmaiado. Ao acordar, apalpando o cocoruto da cabeça por cima da espessa cabeleira, deparou com um galo enorme, que ao menor toque ainda doía terrivelmente.

Erguendo-se vagarosamente, sentindo o corpo todo moído, como se fosse triturado, embora só houvesse a contusão no alto do crânio, instintivamente levou a mão ao coldre. O revólver ainda estava lá. Igualmente, apalpando os bolsos embora percebesse que tinham sido revirados, não constatou de imediato se faltava alguma coisa.

Então, quando fixou a vista no desconjuntado leito do canto do aposento, teve noção plena do que acontecera depois que seu atacante o colocara fora de ação. Sentiu náuseas ao fitar a cena.

Stella Milligan e Lippy, jaziam lado a lado sobre o colchão. Da mulher não saía sangue. Fora enforcada com um lenço que ainda se achava em torno do seu pescoço, enrolado e tão apertado que os olhos da mulher pareciam saltar fora das órbitas. Sua língua se encontrava quase toda para fora, inchada e seca.

Lippy, entretanto, fora esfaqueado três vezes. Na garganta, e na barriga, e o líquido rubro e viscoso esvaía-se quase coagulado.

Não poderia fazer mais nada por eles e não deparou com quaisquer sinais do autor daquelas mortes que deveriam ter acontecido logo após ser posto sem sentidos pelo misterioso atacante.

Cass Templar estava confuso. Não enxergara ao chegar nenhum cavalo de montaria por perto, e ele sabia como averiguar. O assassino, ou poderiam ser mais, tinham chegado a pé e saíram desmontados. Nesse caso esconderam muito bem os animais em algum sítio que escapara ao exame dele. Lembrou-se repentinamente que estava pensando em mais de um. Poderia ser poderia não ser.

Do que não tinha mais dúvida é que fora atraído deliberadamente para uma cilada. Lippy, o magriço, ao ir ao seu escritório, já sabia que havia alguém, um ou mais, à sua espera na cabana de Stella Milligan que também concordara na armadilha. Mas, por quê? E o que ganharam Lippy e Stella? Mortes violentas! Era óbvio que o sujeito, ou os sujeitos, que o atacara, que os assassinara, estava ligado ao caso do massacre de Dixon. Foi para ver se descobria algum indício dos cinco homens que Lippy, recebera a incumbência de procurar ouvir conversas e fazer perguntas nos lugares mais afastados, como a villita, por exemplo.

De uma coisa, entretanto, Cass Templar tinha certeza.

Os criminosos tinham chegado a Pecos, embora não pudesse garantir que depois daqueles assassinatos ainda lá continuassem. Ou mesmo que fossem os cinco ou um apenas.

Antes de sair disposto a procurar o xerife e comunicar-lhe as mortes, sem necessidade de detalhar as causas, deu uma última olhada no miserável quarto. Notou, então, em um bolso do roupão desbotado da mulher, sinal de que em um dos bolsos havia algo. Tirou uma pequenina folha de papel. A caligrafia era feminina, indiscutivelmente.

Na pequena e amassada página arrancada de algum bloco de anotações estava escrito um nome apenas, Smithy.

Cass guardou-o e saiu.

O potro se encontrava no mesmo lugar onde o havia deixado. No horizonte, por cima das casas ao longe, da cidade de Pecos, surgiam fibras rubras anunciando no céu o aparecimento da madrugada.

Cavalgou depressa para o seu escritório onde, ele próprio, faria um curativo no ferimento da cabeça, porque àquela hora, não acharia o xerife no prédio da cadeia. O delegado federal não tinha a menor prevenção contra o atual representante da lei, nem com os seus auxiliares. O xerife Ray Cannombal era honesto e cumpridor de seus deveres. Não seria ele Cass Templar, que o criticaria, ou aos seus comissários e ajudantes, por fingirem não ver tudo que ocorria em suas proximidades. Antes de Cannomball e no prazo de três anos, cinco homens haviam ocupado aquele posto. Estavam todos no cemitério da cidade...

O caso das mortes de Lippy e de Stella Milligan seria considerado como obra de desconhecidos, iniciado e encerrado ao mesmo tempo em que fossem sepultados em covas anônimas em um canto afastado do cemitério local.

Não os culpava por serem ao que tudo indicava os causadores da cilada. Havia também a possibilidade de que os bandidos chegaram antes que Lippy retomasse de seu escritório.

Essa conjetura, porém, desvaneceu-se assim que Cass Templar ingressou na sala que ocupava na Main Street.

Tudo estava revirado como se às pressas tentassem encontrar alguma coisa.

Após arrumar ordenadamente o que tinha sido colocado fora de lugar, constatou a falta das cartas de Jack Torrance, escritas de Dixon e endereçadas a ele e a Joel Langley!

Foi quando se convenceu de que não tinha sido inocente a participação de Lippy e de Stella Milligan no caso. O magriço fora induzido, obrigado ou não, a atraí-lo até a villita.

Cass ruminou esse pensamento com alguma preocupação. Todavia, aquele pedaço de papel com um nome parecia ser a pista que necessitava. Se é que Stella Milligan o escrevera com o intuito de ajudá-lo, prevendo algo de mau a acontecer a todos.

CAPITULO SÉTIMO

Frente a frente com Cão Amarelo

Joel Langley viu-os ao mesmo tempo em que também era visto por eles!

Foi ao sair da trilha principal e enveredar por aquela que rumava para Taos, em uma curva bem próxima do caudaloso e violento Rio Arriba, que subitamente o delegado federal avistou o bando de navajos montados em seus pôneis e enfileirados no alto do terreno mais elevado na margem oposta do curso de água que corria em torrentes e vagalhões por cima de pedras.

As silhuetas dos índios recortavam-se à luz do dia contra o horizonte. Estavam pintados com as cores de guerra e eram uns trinta. No centro do bando, Joel distinguiu perfeitamente a figura corpulenta, imponente de Cão Amarelo com o cocar de penas na cabeça, muitos cinturões ornamentados passando pelos ombros e entremeados no peito. Brandia, erguido em um dos braços o rifle, mas como muitos outros, também trazia lanças e facas enfiadas no cinto.

Joel não sabia ainda das várias derrotas sofridas por patrulhas esparsas dos navajos, nem poderia imaginar que aquilo era tudo o que restava ao renegado.

Da mesma forma o federal não se achava a par de que Cão Amarelo fugia desesperadamente dos soldados que

poderiam aparecer de um momento para outro, e que já tinham reduzido seus guerreiros àquele punhado de homens. Se soubesse, Joel Langley não ficaria reconfortado ou esperançoso, pois teria a certeza da fúria que estava tomado o chefe dos navajos.

Para escapar aos cavalarianos e alcançar Mesa Verde, ao largo de Durango, no vizinho Colorado, com chance de fugir à perseguição, Cão Amarelo não se deteria diante de qualquer obstáculo que surgisse à sua frente. Dele e dos guerreiros que ainda lhe restavam.

E Joel Langley era um só!

O rapaz não se intimidou. Antes de se deixar dominar pelo medo, pensou rapidamente em um jeito de conseguir um bom local onde, protegido, talvez pudesse se defender. Ganhar tempo e não ser colhido em uma armadilha era o que tornava indispensável para o federal, conquanto estivesse ciente de que seus dois Colts, mais o rifle sob a sela e a munição que levava, mal aguentariam os primeiros trinta minutos.

Tão rapidamente como o pensamento deu meia-volta na montaria e galopou de volta para a curva que costeava o Rio Arriba, buscando ansiosamente um lugar onde pudesse abrigar-se e resistir.

Com mil trovões! — pensou o rapaz. — Que azar! Por que não segui lá atrás a trilha para Cimarron? Pelo menos teria evitado esses renegados! E Pete Tracy, por onde andará?

Joel tinha conhecimento de que o outro delegado que com ele e Cass Templar estavam em Pecos, tinha saído há dias para Forte Wingate, a fim de se juntar à cavalaria e seguir as pegadas de Cão Amarelo.

Com raios e relâmpagos, por que Pete não aparece agora com os soldados? — tornou a perguntar a si mesmo

enquanto fazia o cavalo subir pelo pequeno barranco, a fim de esconder-se atrás de um aglomerado de pedras e cactos situado bem próximo da margem do rio. Desmontou rapidamente, amarrando a rédea do animal em um dos rochedos pontiagudos, tirou o rifle e deitou-se atrás da baixa proteção, a única existente ali.

E foi bem a tempo.

Cão Amarelo agitara o rifle no ar e gritara ordens guturais.

Ululantemente, com seus berros de ódio, os navajos seguiram o chefe disparando a. esmo na direção tomada pelo delegado.

Os índios formavam um semicírculo pretendendo envolver o rapaz no meio e pelos francos. Era pelos lados primeiramente que ele tinha de precaver-se.

Apontando o rifle apertou o gatilho mal surram os primeiros guerreiros. A cada dispare m navajo soltava um curto grito caindo logo em seguida do pónei. Joel Langley sabia que essa vantagem duraria pouco tempo. Cão Amarelo trataria de mandar alguns de seus renegados dar uma volta mais alargada e surpreenderem-no pelas costas. Então não haveria como defender-se.

Quando um navajo mais ousado que os outros, avançou sozinho empunhando uma lança bem frontalmente para cima dele, Joel usou um dos revólveres, rolando o corpo e disparando. As balas colheram em cheio o índio lançando-o fora da montaria. Outros pareciam querer seguir-lhe o exemplo, Joel percebia tratar-se de uma tática para mantê-lo ocupado, enquanto uma parte do bando rumasse sorrateiramente para trás dele. Disparou afoitamente os revólveres e o rifle acertando ou não, porém tentando dispersá-los.

Foi nesse momento que à retaguarda nos navajos ouviram-se tiros que não eram de quais quer daqueles índios. Tampouco eram da cavalaria. Três homens montados, e Joel Langley pôde divisá-los, avançavam a galope apertando os gatilhos de suas armas.

* * *

Depois que salvaram a diligência e reencetaram a jornada, Greg, Roscoe e Jennings estavam ansiosos para chegar logo a algum lugar onde pudessem desmontar, esticar as pernas, beber alguma coisa fresca que não fosse exclusivamente água, e comer fartamente. As provisões que carregavam nos alforjes penduradas atrás das selas já haviam se tornado secas e desagradáveis ao paladar. E dar uma folga aos animais também, é claro.

— Há um posto de troca de parelhas das diligências na encruzilhada que divide a trilha cm duas, uma para Taos e outra para Penasco — disse Roscoe, o mais velho do trio e melhor conhecedor daquelas paragens.

Aproximando sua montaria, Greg perguntou:

— Existe comida e cerveja por lá, Roscoe?

— Pelo menos na última vez que passei por lá com seu pai, havia, Greg — respondeu o outro.

A menção e lembrança de Thomas Mallory ensombrou por momentos os semblantes de ambos.

Greg bem que se recordava dos tempos em que o velho, com Roscoe e Jennings principalmente, deixava o rancho para viagens de dias seguidos rumando para Santa Fé, Pecos ou Cimarron, comprando gado ou vendendo nas feiras que já saíam do período de engorda.

Eles não tinham percebido, porém Jennings escutara o diálogo. Acercou-se de ambos e apontando para a frente,

onde já podia se avistar a orla de arbustos que corriam paralelamente ao Rio Arriba em suas margens, observou:

— Meu estômago também está roncando. Gostaria de um prato quente de feijão com batatas e carne cozida com muito molho... Entretanto, ainda tenho minhas dúvidas de que checaremos até o posto de troca de Penasco sem encontrarmos outros índios.

Ante o olhar indagador de Greg, Jennings concluiu:

— Onde existe um índio sempre há outros. Eles se dividem em patrulhas avançadas que abrem o terreno para o grosso do bando que vem na retaguarda. Esses que pegamos lá atrás atacando a diligência, decerto era um deles. Fiquem de olhos e orelhas em pé, porque se não depararmos com outro grupo, daremos de cara com o próprio Cão Amarelo. Ele é o diabo em pessoa! Já fugiu três vezes da Reserva!

As palavras de Jennings tiveram o condão de resfriar o apetite e sede dos companheiros.

Porém o que havia prenunciado confirmou-se vinte minutos depois.

De repente o ar se encheu de sons de tiros, de galopes e de gritos ululantes. Não havia dúvidas, eram navajos e atacavam alguém logo naquela curva que fazia a trilha quase passar rente ao rio.

— Vamos, amigos! — bradou Greg, acrescentando logo: — Deve haver gente em apuros!

— Pelo barulho só pode ser o danado do Cão Amarelo! — disse Roscoe.

Tornando atirar os rifles de sob as selas, os três cavaleiros aceleraram o galope.

Não demoraram a perceber o que acontecia.

Um homem apenas, que disparava e de quando em quando derrubava algum pele-vermelha se achava

encurralado praticamente. Não tinham divisado ainda o contingente de navajos que se deslocara para o norte, e que pretendia apanhar pelas costas o branco sitiado atrás de algumas pedras e de um bloco de cactus.

Firmando as pernas nos estribos e levantando os braços com os quais manejavam as armas, avançaram celeremente pela trilha. Só apertaram os gatilhos quando tinham os índios ao alcance e nas miras.

Foram esses três inesperados e bem-vindos cavaleiros que Joel Langley percebeu acercar-se amenizando-lhe o perigo momentaneamente.

Uma coisa, entretanto, despertara estranheza e preocupação no delegado federal. É que em dado momento examinando os navajos, notara entre eles a ausência de Cão Amarelo. Certeza ele tinha que não havia ainda pegado o chefe dos renegados, pois em momento algum o líder dos fugitivos da Reserva havia se aproximado temerariamente da mira de sua arma. Conquanto ousado e atrevido, Cão Amarelo sempre se protegia escudado por um grupo de guerreiros qui. iraníir.ham praticamente um cinturão em torno de sua pessoa.

Para onde terá ido o miserável? — indagou a si mesmo Joel Langley, que vez por outra volteava o corpo de arma empunhada para não ser surpreendido pelas costas.

Ao ver aqueles três cavaleiros disparando e galopando contra os navajos, afastou do espírito qualquer suspeita e concentrou o fogo de sua arma na direção dos então aturdidos índios.

Os tiros de Greg, Roscoe e Jennings derrubaram muitos índios e afugentaram de suas posições os outros. A ausência de Cão Amarelo, e o súbito aparecimento de mais aqueles brancos pegou-os de surpresa. Com os pele-vermelhas era sempre assim. Quando orientados e comandados por

alguém como Cão Amarelo, que sabia rapidamente tomar decisões e indicar-lhes o que fazer, tomavam-se mais ágeis nos movimentos, com ações estratégicas que muitas vezes colhiam os adversários desprevenidos.

Joel Langley não precisava mais se manter agachado atrás das pedras e dos cactos. Levantou-se com as pernas abertas e firmemente apoiado no solo, deixou o rifle para sacar os dois Colts. As armas, uma em cada mão, disparavam seca e surdamente apanhando os navajos que fugiam dos três recém-chegados pelo flanco ou que desesperadamente investiam contra o delegado federal.

O solo ficava coberto de corpos de peles-vermelhas que tombavam para não mais se levantar, com os pôneis sem cavaleiros galopando indecisos e apavorados.

Dois navajos, jogando fora as armas e apanhando lanças que se achavam no solo, abaixando e colando seus corpos semidespidos sobre os pescoços das respectivas montarias, correram desenfreadamente para cima de Joel.

O delegado podia ter disparado contra os pôneis fazendo-os cair. Assim deteria a furiosa investida e teria tempo para apanhar os guerreiros. Mas para Joel Langley se constituía em uma norma rigorosamente cumprida ao longo dos tempos. Evitar sacrificar os pobres animais. Para ele, como para muitos no Oeste, um cavalo valia mais do que qualquer índio ou bandido. Somente em último caso é que se disparava primeiro contra as montarias.

Joel Langley deitou-se rolando o corpo, sempre com as duas armas apontadas. Pôde mirar a cabeça de um nos navajos apontando nela, apertando o gatilho e vendo-a praticamente explodir, com o renegado sendo jogado para longe.

Não podia perder um instante com o que já estava quase por cima dele. Naquele momento o Colt que tinha na mão

direita e com o qual tentava mirar o atacante, emitiu um clic surdo e metálico! Não havia mais balas!

O índio percebeu isso num relance e ergueu o corpo no dorso do pônei para trespassar o branco com a sua lança.

Dois tiros ecoaram repentinamente e o navajo rodopiou com sangue no peito e na garganta!

Largando a lança e girando como se fosse um boneco desarticulado, foi jogado abaixo da montaria. Sua perna esquerda, enganchada na corda que eles utilizavam como uma espécie de estribo, fê-lo ser arrastado para longe. O cavalo assustado disparou em uma corrida louca através do terreno repleto de espinheiros e pedras pontiagudas no rumo do rio.

O corpo do navajo foi se desmanchando a cada solavanco, passando entre touceiras de cactos e por cima das farpas rochosas até se reduzir a frangalhos. O pônei entrou na beirada da água do rio e só então' se deteve.

Joel Langley viu o seu salvador, aquele que atirara no guerreiro.

Era o mais jovem dos três que o tinham ajudado a livrar-se do ataque frontal dos renegados.

Greg, Roscoe e Jennings aproximaram-se, cumprimentando jovialmente o delegado federal. A insígnia pregada no bolso superior do casaco de couro o identificava de longe.

— Obrigado, amigos — disse Joel Langley, sorrindo e mais aliviado. — Vocês chegaram bem na hora!

— Ficamos satisfeitos por isso, delegado — disse o que chegara na frente. — Sou Greg Mallory, de Dixon, e estes dois amigos são meus companheiros, Roscoe Mandrell e Al Jennings.

Joel Langley ergueu o braço, após remuniciar rapidamente os dois Colts, cumprimentando-os com acenos.

Ao mesmo tempo pensava na ironia do destino.

Estava procurando por Greg Mallory e o acaso, naquela emergência, fizera-o encontrar-se com o rapaz, em circunstâncias quase desesperadas!

Sentia-se satisfeito por ver-se livre dos renegados navajos e por ter deparado com o rancheiro de Dixon.

A ausência de Cão Amarelo, naquele momento, deixou-o preocupado e ao mesmo tempo imaginando que o chefe dos índios rebeldes tinha fugido com sua escolta de guerreiros guarda-costas.

Durou pouco, contudo, esta suposição e a euforia.

Conquanto já não houvessem mais navajos atacando-os de frente e convencido da segurança, Joel Langley até então não percebera que Cão Amarelo aproximava-se pela retaguarda com o restante da sua horda. Uns doze navajos acompanhavam o empedernido e feroz chefe renegado! Em formação de leque e galopando pelo terreno próximo do rio, meio protegido pelos arbustos, os índios gritavam furiosa e ululantemente. Cão Amarelo talvez tivesse imaginado que seus guerreiros, ali deixados para manter detido o branco, aguentassem o tempo necessário de sua sortida pelo lado oposto. Jamais acreditaria que aparecessem outros adversários ajudando e salvando o homem encurralado, ou que dizimassem seus guerreiros! O renegado pretendia acabar com o perigoso e inesperado obstáculo com que deparara, sofrendo um mínimo de perdas e seguindo logo para a frente, escapando aos soldados. Entretanto aquele revés o tornou endoidecido e ávido por vingança.

O chefe navajo em sua mente entorpecida pelo ódio, pelo desejo de desforra, esqueceu-se que possuía nesse

momento menos da metade dos guerreiros, e que corria o risco de ser apanhado pela cavalaria e levado para a forca! Só um desejo o imbuía: matar, escalpelar aqueles quatro brancos e fugir em seguida para algum lugar onde talvez voltasse a reunir um novo bando para atacar e assassinar brancos!

Foi Roscoe quem os viu primeiro.

— Olhem lá para cima! Bem disse Jennings... onde existe um índio sempre aparecem outros mais!

— Vamos nos entrincheirar, deixar os cavalos protegidos e recebê-los a tiros! — exclamou Joel Langley.

Sem perda de tempo os três desmontaram e juntamente com o delegado federal correram a procurar abrigos propícios para uma defesa eficiente. Com exceção daquela moita de cactos e do aglomerado de pedras que já tinham servido de trincheira para Joel Langley, tudo o mais era rasteiro e não lhes propiciaria cobertura.

— Que tal se corrermos para as árvores na beira do rio? — inquiriu Greg.

— Seria bom, mas os malditos navajos nos pegariam no meio do caminho! — respondeu Roscoe, após examinar ansiosamente o local.

O bando de Cão Amarelo já se aproximava cada vez mais perto.

Estranhamente não disparavam as armas que carregavam nos braços erguidos. Afastados um do outro, para escapar a qualquer fogo cerrado contra eles, os índios pareciam esperar chegar bem perto para alvejar os quatro brancos. Ou se utilizarem das facas que traziam enfiadas nas cordas enroladas na cintura.

— Deitem-se todos — gritou Joel Langley. — Disparem de baixo para cima, e, se for necessário, desta vez não poderemos ter pena dos cavalos. Atirem neles também!

No entanto, logo à primeira troca de tiros, com os navajos já disparando e os quatro homens respondendo ao fogo, algo inesperado e surpreendente aconteceu.

Um toque de clarim, e outro mais logo em seguida!

CAPITULO OITAVO

Quem é Smithy?

Pete Tracy era o mais novo dos três delegados federais em Pecos, tanto na idade como no tempo de serviço.

Nascera no Texas, sentindo a princípio desejo de se incorporar aos valentes e decididos Rangers do seu Estado. Desde há anos admirava aqueles patrulheiros que corajosamente mantinham a lei e a ordem enfrentando bandoleiros, quadrilhas de renegados, ladrões de gado e assaltantes, principalmente os índios. Comanches e Comancheros pareciam ter escolhido o Texas para seu campo de atividades criminosas, e os rangers impunham a força de seus revólveres e rifles o respeito à justiça, merecendo apoio e aplauso da população, principalmente dizimando aqueles bandos.

Cerca de um ano e meio antes, conhecera em Waco dois delegados federais que ali estavam com mandados de busca, na caça de dois malfeitores. Em um saloon fora envolvido sem ter culpa alguma em uma briga, e quatro sujeitos com todo aspecto de pistoleiros profissionais o haviam encurralado em um canto do bar, sem que ninguém mais saísse em sua ajuda. Então dois rapazes inesperadamente sacaram seus Colts e desarmaram os bandidos, obrigando-os a fugir precipitadamente do bar e da cidade.

Ao agradecer-lhes pelo auxílio, Pete ficou sabendo seus nomes. Jack Torrance e Joel Langley, assim como seus encargos oficiais.

Quinze dias depois tomou a vê-los, com os dois foragidos bem amarrados sobre as selas, prontos para ser levados para o Novo México, onde estavam condenados à forca e seriam executados.

Despediu-se de Jack e de Joel, sentindo que havia feito nos dois delegados federais bons amigos.

Alguns dias depois, ouviu alguns estranhos em Waco sussurrar em uma mesa de outro saloon, algo que pôde perceber como sendo um plano para seguir atrás dos delegados federais e libertar os prisioneiros. Pete Tracy decidiu retribuir-lhes a ajuda de duas semanas antes.

Seguiu os três pistoleiros pela trilha de Waco à fronteira do Novo México. Perto de Amarillo e de arma na mão, surpreendeu o trio de foras-da-lei quando se preparavam para atacar traiçoeiramente Joel Langley e Jack Torrance. Colhidos inesperadamente pelo rapaz na retaguarda que, assim auxiliados, puderam fazer frente aos pistoleiros, estes foram liquidados e a dupla de agentes da lei prosseguiu com os prisioneiros. Resolveram levar com eles Pete Tracy que subitamente decidiu tornar-se delegado federal.

Cass Templar gostou dele à primeira vista e o recomendou aos superiores em Washington.

Pete Tracy fez o estágio de alguns meses ajudando delegados federais em vários pontos do Oeste. Quando Jack Torrance se desligou indo para Dixon, após receber a herança dos tios do Idaho, Pete Tracy pediu e conseguiu ser lotado em Pecos, juntando-se assim, a Joel Langley e Cass Templar.

Soubera do que havia acontecido com Jack, sua noiva, os pais dela e mais duas pessoas na porta da igreja, e, como

Joel e Cass, desejara atuar no caso apanhando e justiçando os culpados.

No momento ali estava ele, após ter procurado o coronel Angus Fergus no Forte Wingate. Saiu com uma tropa de quarenta e dois cavalarianos, comandada pelo capitão Stephens, chegando bem a tempo com os soldados para impedir o desesperado ataque de Cão Amarelo e o que restara de sua horda de renegados.

O chefe navajo até então havia despistado a coluna efetuando rodeios e escondendo-se em locais ignorados, muitas vezes até bem perto da coluna, sem que esta percebesse. Encontraram-se com bandos avançados de renegados e os eliminaram, assim como constataram o malogro de outros grupos em assaltos frustrados a diligências.

Todavia, nem Pete nem o capitão Stephens, imaginariam que o chefe renegado pudesse ficar reduzido a tão poucos guerreiros. Naquele momento urgia acabar de uma vez por todas com Cão Amarelo e seus remanescentes seguidores.

A uma ordem do oficial, soou o clarim e a tropa posicionando-se aberta e em ala avançou contra os índios que ficaram entre dois fogos.

Joel, Greg, Jennings e Roscoe, animados e aliviados pela presença da cavalaria, capricharam mais na pontaria. A cada descarga de seus rifles, caíam navajos. Aqueles que tentavam afobadamente deter-se, dar meia-volta e escapar, apesar dos gritos raivosos de Cão Amarelo procurando impedi-los, caíam diretamente sob as armas dos soldados.

Pete Tracy não tinha ainda reconhecido Joel Langley, mas pôde divisar Cão Amarelo tentando furtivamente afastar-se dos poucos que ainda comandava e dar o fora.

— Com licença, capitão — disse rapidamente para o oficial e de arma na mão levou sua montaria para trás do chefe renegado.

Cão Amarelo pressentiu-o quando já era tarde demais.

Ele procurava cruzar o rio, o que não deixava de ser temerário e quase impossível devido à correnteza e aos obstáculos existentes na água.

O renegado estava meio assustado e intranquilo ante o caudal e a incerteza da profundidade, fenômenos que os animais instintivamente pressentem. Quando o pônei do renegado já tinha as duas patas dianteiras dentro da água Cão Amarelo, voltando-se, disparou contra o delegado federal. Este, agachando-se na sela, escapou aos projéteis ouvindo-os sibilar bem perto, por cima da sua cabeça.

Pete Tracy pôde disparar mesmo abaixado.

Descarregou o que restava de carga no seu Colt contra o índio que, atingido na cabeça, no peito e nos braços, foi lançado por cima do pescoço do animal para dentro da água! O corpo desgovernado do navajo submergiu e voltou à tona várias vezes, enquanto Cão Amarelo tentava angustiadamente agarrar-se a algum daqueles rochedos. Por fim, já sem forças, tendo engolido muita água, abandonou-se à fúria da corrente e desapareceu em um vórtice, aparecendo e desaparecendo continuamente. O capitão Stephens e vários soldados surgiram ao lado de Pete a tempo de ver o corpo quebrado de Cão Amarelo já morto, ser empurrado para uma das margens onde permaneceu todo molhado e com sangue aos borbotões dos ferimentos.

* * *

A tropa voltou para Forte Wingate dali mesmo, levando em um saco no lombo do próprio cavalo de Cão Amarelo o que restara dele.

O encontro entre Pete e Joel foi efusivo e alegre, mas o que se tornou agradável e surpreendente foram as revelações que se seguiram, com Greg Mallory.

O rapaz não negava que estranhara o aparente mistério em torno do passado de Jack Torrance. Sabendo que ele fora um delegado federal, dos mais leais e apreciados, que a pequena fortuna com que adquirira o rancho e pretendia se tornar um criador, havia sido fruto de herança, Greg lastimou o cunhado de poucos momentos por não lhe ter dito nada. Mas gostou de conhecer os amigos e companheiros daquele que fora merecidamente o eleito da sua infortunada irmã.

Kate nunca erraria na escolha do homem destinado a ser seu marido — pensou — Nem decepcionaria a sua família! — concluiu.

Mas por que mataram Jack? Por que assassinaram Kate, os seus pais, Graciela e o padre Fernando? Embora querendo crer que os velhos, a menina e o pároco fossem vítimas da ocasião porque se achavam juntos dos noivos, também não conseguia aceitar a morte da irmã.

Enquanto cavalgavam, ele, Roscoe, Jennings e os dois delegados no rumo de Pecos, saindo da trilha para Taos, discutiram o assunto, cada qual tentando descobrir uma aparente causa para aquilo.

— Se foi obra louca e cruel de algum fora-da-lei tentando se vingar de Jack, por que não o fez antes? Teve muitas oportunidades. Não se concebe que só por ódio e vingança, alguém contratasse cinco pistoleiros para matar nosso companheiro a sua noiva e outras pessoas inocentes — disse Joel Langley.

— Se fossem pistoleiros profissionais, desses que executam crimes por contrato, dificilmente se utilizariam de lenços para cobrir seus rostos — acrescentou Pete Tracy.

Greg limitava-se a ouvi-los.

Também com Joel, já tinha o rapaz explanado seu ponto de vista referente ao enigmático sumiço dos matadores quando chegaram à margem do Rio Grande.

Meditando sozinho, o rapaz pensava em outras coisas.

Seria somente depois de chegarem a Pecos quando já estavam com Cass Templar e deste escutaram o relato do que lhe acontecera, o episódio com Lippy, Stella e o roubo das cartas de Jack Torrance, é que decidiram rememorar em conjunto todos os fatos e discuti-los.

Roscoe e Jennings não saíam de junto de Greg, embora até então apenas se limitassem a escutar.

Quando Greg revelou seu conhecimento do nome de Smithy, Cass Templar soltou uma exclamação mostrando-lhes o pedaço de papel com o que nele estava escrito, foi que Jennings disse:

— Greg, era esse nome a pista que você nos disse, a mim e a Roscoe lá no rancho, ter escutado na ocasião do crime?

— Sim, meu amigo. Como pedi desculpas naquela ocasião, tomo a fazê-lo. Acontece que sabia existir muitos Smithy em Dixon e não quis parecer-lhes meio idiota...

Mas Jennings, sem se afobar, ante os olhares ansiosos dos outros, prosseguiu:

— É claro que Smithy é um nome bastante comum, não somente em Dixon como em toda a parte. Todavia você não disse apenas Smith... falou Smithy, e isso é muito diferente.

— Sim, sim, nem todos os Smiths são conhecidos por Smithy — retrucou Greg, tentando apressar o companheiro a fazê-lo dizer o que aparentemente parecia saber.

— Pois eu conheço um Smithy que sempre esteve bem pertinho de nós em Dixon! — foi a resposta de Jennings.

— Desculpe-me mais uma vez, Jennings. Eu deveria ter-lhes dito antes de sairmos, mas... quem é ele? — inquiriu Greg.

— É o capataz de Stone Craig, no rancho dele... — disse Jennings com sua habitual tranquilidade que, às vezes, chegava a exasperar quem o ouvia.

Os delegados federais se entreolharam surpresos, mas Roscoe tomou a palavra no lugar de seu parceiro:

— É verdade, Greg. Talvez se nos contasse na ocasião, teríamos evitado perder todos estes dias de jornada... talvez não significasse nada também... Em todo caso, eu também me lembro desse Tad Smithy, um sujeito esquisito o que pouco aparece na cidade. É possível que em Dixon além de mim e de Jennings uma meia dúzia de outras pessoas saibam dele. Antes de trabalhar para Stone Craig, foi ajudante do xerife Britt.

O pasmo na fisionomia de Greg revelava seu estado de alma.

Como que em átimo de segundo, muita coisa lhe tomava posse do cérebro, aumentando mais a confusão fervilhante que o impedia de raciocinar claramente.

Então, sufocando a repentina amargura e as perguntas sem respostas que de uma só vez lhe assomaram à mente, o rapaz explicou, em rápidas palavras a Joel, Cass e Pete quem era Stone Craig. Falou de seu quase noivado com Kate antes do aparecimento de Jack Torrance e o fato deste ter confiado todo o dinheiro que possuía ao banco do irmão de Jessica.

Os delegados federais escutaram atentamente, sem interrompê-lo e se entreolharam silenciosamente.

Jennings, como sempre, depois de ter com Roscoe feito aquela revelação, que realmente mudava todo o rumo da missão, calmamente puxou da algibeira uma pequena sacola com tabaco desfiado e enrolou um cigarro, acendendo-o e tragando. Ele e Roscoe olhavam para os demais como se aguardassem ordens.

Greg estava confuso e arrependido. Se os dois velhos e leais vaqueiros o haviam seguido resolutamente desde o primeiro instante, por que não lhes confiara lá no seu rancho aquilo que guardara para si mesmo até aquele momento, como pista que o conduziria aos assassinos? Envergonhou-se intimamente de haver se calado sobre Smithy. Afinal de contas, mesmo desejando evitar mal-entendidos devido à profusão de Smiths cm Dixon, e todos eles, pelo que se lembrava, incapazes de qualquer ação criminosa, eram raros os Smithys. Se fosse mais aberto, mais claro, talvez até mesmo o xerife Britt poderia auxiliá-lo prontamente. Não fora o capataz de Stone seu ajudante?

Foi Joel Langley, quem subitamente tomou uma decisão.

— Amigos, creio que deveremos todos voltar para Dixon. Não iremos juntos, é óbvio. Greg, você e seus dois valentes companheiros seguirão na frente. Eu, Pete e Cass iremos atrás sem revelarmos nossas identidades quando chegarmos. Está de acordo, Cass? E você, Pete?

Os dois assentiram imediatamente, concordando.

Decidiram que partiriam logo ao anoitecer, depois que repousassem algumas horas, se banhassem e comessem o mais fartamente possível, compensando as magras e frias rações com que haviam se alimentado nas trilhas.

Greg, mais tarde, deitado em sua cama no hotel onde também alugara outro aposento para Roscoe e Jennings, com os cavalos sendo tratados na cocheira da hospedaria,

meditava sobre a conversa havida no escritório de Cass Templar.

Uma série de suposições com algumas evidências, vinham-lhe à lembrança. O rapaz não se perdoava por ter escondido e mantido para si próprio o detalhe de conhecer o nome do chefe do grupo que chacinou sua família e Jack Torrance. Se tivesse falado com Britt, velho amigo seu e de seu pai, com Roscoe e Jennings, principalmente com esses dois que tão fielmente o acompanhavam, talvez não fosse preciso vir até ali. Por outro lado, não procedendo como fizera, permaneceria sem saber quem tinha sido Jack Torrance, não conheceria aqueles devotados e corajosos companheiros de seu cunhado.

Greg, ao mesmo tempo, custara a crer que Stone Craig pudesse ter qualquer relação com o acontecimento. Embora frio, impenetrável, o banqueiro jamais se vingaria tão brutalmente de Kate e do homem com quem ela se casara, somente por ter sido preterido. Ou teria feito mesmo aquela barbaridade por ciúme e raiva? Por outro lado, ponderava o rapaz, embora houvessem muitos Smiths, também poderia se dar o caso de existirem outros Smithys, entre os quais o empregado de Craig. Coincidências nunca eram raras nem impossíveis. Teria que agir com cuidado, ele próprio convicto de que os delegados federais e amigos de Jack saberiam por experiência, como proceder sem ocasionar enganos. O xerife Paul Britt, sim ele! Poderia lhe ser de inestimável valia. Logo que retornasse a Dixon, antes de seguir para seu rancho, teria uma conversa com o representante da lei. Contudo Greg lembrou-se de que os limites do enorme rancho de Stone Craig chegavam até o Rio Grande, ou mais precisamente, àquela região de planícies e matas irregulares de Chimayo e Puebla. Terras praticamente abandonadas, porque não possuíam

pastagens, e lá não se mantinham manadas de gado. Entretanto, davam acesso à sede da propriedade do banqueiro! O rapaz sentia-se incomodado com esses pormenores. Porque não se detivera neles quando ainda estava em Dixon.

Por sua vez, ao mesmo tempo em que Greg Mallory se agitava com os pensamentos sem nenhuma vontade de dormir, os três delegados conversavam. Cass Templar dizia ao dois outros:

— Agora me lembro... Atacaram-me na choça de Stella Milligan para me manter fora deste buraco e poderem vasculhá-lo! Levaram apenas as cartas que Jack nos escreveu, a mim e você, Joel. Sempre suspeitei de que havia algo que ele não colocara no papel, mas que davam a entender ser uma preocupação sua. Tentei espremei os miolos, lendo-as e relendo-as. Agora creio que sei o que era! Jack, em todas as missivas, dizia ter posto todo o dinheiro no banco desse tal de Stone Craig, e que o sujeito hesitava em dar-lhe as importâncias que sacavam quando fazia retiradas para pagar o rancho ou comprar rebanhos! Por quê? Não sabemos... ainda. Está claro que Craig não. o queria ver estabelecido na região, nem que se casasse com a moça que tinha sido sua namorada ou quase noiva! Quem melhor do que seu próprio capataz para chefiar um bando de assassinos?

CAPITULO NONO

Este é o famigerado Smithy!

A caminhada de volta para Dixon foi rápida e direta.

Greg, Roscoe e Jennings cavalgaram em silêncio. Não havendo mais a necessidade de efetuar desvios e passar por pequenas cidades ou se locomoverem até Taos, Cimarron e Pueblo, rumaram para Dixon. Greg não tinha ainda se refeito do fato de ter escondido dos dois companheiros o conhecimento do nome de Smithy. Envergonhara-se sinceramente disso, conquanto não houvesse procedido com desconfiança. Temia, sim, cometer uma tolice citando um apelido facilmente identificável com Smith, que era comum a dezenas de pessoas. Ao mesmo tempo, reconhecia que Smithy era um nome pouco comum.

Roscoe e Jennings adivinhavam essa preocupação no rapaz e o primeiro, em dado momento adiantando sua montaria, postando-se ao lado, dele disse:

— Não fique encabulado, Greg. Nós entendemos perfeitamente. No seu caso talvez, teríamos feito a mesma coisa. Sabemos que, chegado o momento, nos diria tudo. Não é mesmo, Jennings?

— É isso, Greg. Roscoe tem toda a razão — respondeu, o outro, que também chegara mais perto com o seu cavalo.

O rapaz os olhou, sorrindo agradecido.

Na cidade mandou que os dois fossem logo para o rancho a fim de verificar como andavam as coisas por lá, no seu e no de Jack Torrance, embora soubesse que Goldie tinha se desincumbido prestimosamente da tarefa.

Cavalgando devagar pela rua principal, sem ligar para as pessoas que se achavam nas portas ou dentro dos estabelecimentos que o olhavam curiosamente e acenavam com simpatia, dirigiu-se para o escritório do xerife Paul Britt, ao lado da cadeia.

O homem da lei recebeu-o com efusão, apertando-lhe a mão e dizendo que soubera de sua ausência, motivo pelo qual havia ficado preocupado.

— Deveria ter-me dito para onde ia, Greg — acentuou Britt. — Não pense que o que aconteceu há dias na porta da igreja ficou esquecido. Enviei avisos a todos os xerifes e delegados federais do território e dos vizinhos Estados também. Infelizmente até agora não chegou qualquer indicação de se ter avistado um bando de cinco pistoleiros. Por aqui, temos feito, eu e meus ajudantes, todo tipo de perguntas, mas ninguém sabe de coisa alguma. Afinal de contas, Greg, seu pai era muito benquisto e o povo de Dixon não se esquecerá jamais do acontecido!

— Paul, o que você sabe de Smithy? — perguntou Greg após escutar Britt.

A indagação à queima-roupa, parece que pegou o xerife de surpresa.

Espantado, olhou fixamente para Greg e respondeu com outra pergunta:

— Refere-se a... Tad Smithy?

— Sim, exatamente a esse sujeito. Pelo que soube em Pecos, ele, antes de ser contratado por Stone Craig para ser capataz no rancho, foi ajudante seu.

— É um homem disposto, taciturno, que apareceu aqui procurando trabalho. Não gostava de companhias, andava sempre sozinho, como faz até hoje quando raramente vem à cidade. Bebe em um canto do saloon, não joga e, pelo que consta, de vez em quando vai ao dancing de Rose Labelle procurar alguma de suas garotas. Não se mete em discussões, não briga nem mexe com ninguém. Parece que Stone Craig gostou bastai; te dele e o mantém no rancho. Por que indagou, Greg?

— E quando foi seu ajudante? Não me disse nada — retrucou Greg imperturbavelmente.

Britt passou a língua pelos lábios como se pressentisse que alguma coisa desagradável estava por trás de todas aquelas inquirições e disse:

— Bem... foi como lhe disse. Na ocasião, estava necessitando de um ajudante, embora não permanente. Não vi o nome de Tad Smithy em nenhuma lista de procurados nem seu retrato nos cartazes. Você sabe que guardo muito bem todos eles, até mesmo de anos atrás. Por isso dei-lhe o lugar. Sempre quieto, mas fazendo bem seu trabalho, ficou me ajudando durante uns dois meses até que Stone Craig, que não sei como o conheceu, ofereceu-lhe o emprego mais bem pago no rancho. É o que sei, Greg. Sinceramente.

— Muito obrigado, Paul. Você me ajudou bastante com a informação.

— Mas... por que, Greg? Não se fazem perguntas dessas, sem se ter um motivo! — perguntou Britt.

O rapaz lhe contou então.

Disse que ouvira o chefe do bando de matadores ser chamado de Smithy, que o assassino não tinha gostado disso e repreendera o companheiro, concluindo que sua viagem tivera por motivo procurar alguém com esse apelido. Não mencionou ter sido Jack Torrance delegado

federal, nem que estava aliado com os três colegas c amigos do cunhado em Pecos. Muito menos que estes apareceriam a qualquer momento, embora sem se apresentarem como autoridades que eram, na chegada a Dixon.

— Obrigado por revelar-me, Greg — disse Paul Britt. — Ainda que custe a acreditar, me perdoe por ser franco, na participação de Tad Smithy em um crime tão monstruoso, é lógico que começarei imediatamente a investigar!

— Por favor, Britt, não faça alarde nem aja precipitadamente. Como você mesmo disse, embora seja o único Smithy que sabemos existir por aqui, ainda não se tem um motivo nem provas.

Greg confiava mais na argúcia e na experiência dos três delegados federais que surgiriam logo, do que na boa vontade ou precipitação do representante da lei na cidade.

— Tem razão, Greg, tem razão... — disse Paul Britt. — Mas, que sugere? Acredito que já deve saber muito mais do que me disse, pois andou por aí. Sem dúvida aceitarei seus conselhos e acatarei sugestões que possam esclarecer o caso.

O rapaz pensou rapidamente antes de voltar a falar.

— Paul, o mais discretamente que lhe for possível, se quiser me ajudar e acredito que sim, investigue se esse Tad Smithy viajou nestes últimos dias, ou se alguém do rancho de Stone Craig o fez. Mais precisamente, se foi para Pecos e voltou.

— Fique sossegado, Greg. Farei isto — respondeu o representante da lei tentando aparentar uma firmeza que estava longe de possuir, como percebeu o rapaz. — Volte para o rancho, cuide de seus negócios, pois agora tem a grande responsabilidade de continuar as transações sem o velho Tom para fazê-lo. Também sei que deverá cuidar da

propriedade do seu infortunado cunhado. Vá com calma, meu rapaz. Havendo qualquer novidade irei imediatamente avisá-lo.

Greg sabia que Paul Britt deveria estar se sentindo exatamente como ele a princípio, ante tanta e tamanha indefinição para a suspeita levantada. O xerife teria que incluir o poderoso Stone Craig em suas investigações, mesmo que o fizesse da maneira mais cuidadosa possível.

Entretanto, sem que nenhum dos dois pudesse pressentir, o ajudante de Britt, de ouvido colado na porta que separava a sala da frente do gabinete do xerife, escutou atentamente o que eles tinham conversado. Ao ver chegar Gregory Mallory, o auxiliar do representante da lei, Marcus Smith, ficara preocupado. Era o principal colaborador de Britt e estava sempre ao lado dele quando saíam dali em qualquer que fosse a missão. Na verdade, Marcus Smith se constituía no auxiliar de maior confiança do xerife. Mas o que ninguém sabia é que ao mesmo tempo Marcus era sobrinho de Tad Smithy e conseguisse, por instrução do tio, manter esse parentesco incógnito.

Ao ouvir o diálogo entre Greg e a autoridade, Marcus, mais do que depressa, saiu dali quase correndo, montou em seu cavalo amarrado quase diante do prédio e galopou para o edifício do banco.

Certamente Paul Britt ficaria assombrado, boquiaberto e perderia todo o ânimo, se tivesse conhecimento de que tinha sido seu mais fiel e prestimoso assistente quem havia, seis meses antes, sugerido ao tio, recém-chegado a Dixon e necessitado de algum trabalho, que aceitasse ocupar a vaga de auxiliar do xerife! E que também tinha apresentado Thadeu Smith, mais conhecido por Smithy, ao banqueiro Stone Craig e conseguido desde que o parente fosse desempenhar as funções de capataz do grande rancho.

Smithy naquela ocasião, estava fugindo das autoridades do Colorado.

Em Denver, evadira-se da prisão onde estava cumprindo pena por ter assassinado a sangue frio um casal de velhos rancheiros, para roubar-lhes as economias guardadas na sede da propriedade. Fora condenado a prisão perpétua, na falta de provas mais concretas, pois não tivera tempo de levar o produto do duplo latrocínio. Foi apanhado quase que por acaso pelos agentes da lei fugindo do local. Escapara depois às patrulhas rurais do Colorado e se refugiara em Dixon. onde possuía aquele sobrinho providencialmente desempenhando cargo elevado no escritório do xerife.

Na prisão de Denver não ficara nem dois meses. Burlando a vigilância de maneira furtiva, silencioso e permanentemente isolado dos demais detentos, Tad Smith, ou Smithy, conseguira roubar um animal e cavalgou para o sul.

Marcus tivera tempo de rasgar e dar sumiço aos avisos chegados do Colorado, alertando e pedindo a colaboração das autoridades do Novo México na prisão do bandido, assim como fizera desaparecer os cartazes com seu retraio. Paul Britt não tinha motivo de hesitação em aceitar o indivíduo para ocupar o cargo de ajudante. Alto, forte e aparentemente resoluto, apesar do mutismo e maneiras pouco sociáveis, Tad Smith foi aceito. Os sobrenomes idênticos e os modos de tio e sobrinho, que mal conversavam quando juntos, em nada levariam a suspeitar cio relacionamento familiar entre ambos.

Quando, certa feita, Stone Craig propusera a Marcus ir trabalhar com ele, o ajudante do xerife viu chegada a hora de encaixar Tad em um serviço mais bem pago que o tiraria das vistas dos homens da lei definitivamente. Sempre era

possível um reconhecimento por parte de agentes que vinham e iam continuamente, inclusive dos territórios vizinhos. Recomendou o tio e este foi contratado pelo banqueiro.

Como e por que Smithy participara do massacre na porta da igreja duas semanas antes. Marcus não sabia. Mas a conversa entre Greg Mallory e Britt não deixava margem a dúvidas. O tio, certamente, se metera em alguma enrascada muito perigosa que dessa vez não o livraria da forca. Urgia preveni-lo o quanto antes, porque também sua cabeça estava envolvida. Marcus não podia esquecer que fora ele quem apresentara Tad a Paul Britt e que destruíra todos os avisos para a sua captura! Mesmo que se achasse inocente naquele caso das mortes, seria considerado cúmplice por não denunciar o tio, por roubar os cartazes e afiançar a honorabilidade do outro ao xerife. Não podia atinar com a razão do múltiplo assassinato na porta do templo religioso, porém não havia tempo para perder-se em cogitações.

Em seu íntimo, Marcus sabia que jamais em sua vida tomaria parte em qualquer ato tão ignominioso como aquele. Nunca aceitaria partilhar de crueldade tamanha, mesmo que lhe oferecessem todo o ouro do Novo México. Mas nesse momento não tinha outra opção senão alertar o tio. Porque, subitamente, o ajudante do xerife lembrou-se de que dias atrás Tad Smithy passara pela cidade e disse-lhe, a ele apenas, que ia fazer uma viagem rápida a mando do patrão, Stone Craig. Chegara mesmo a acrescentar, como se quisesse justificar para o sobrinho, que o banqueiro e dono do rancho onde trabalhava o incumbira de acertar um negócio com certo comprador de reses na feira de gado de Pecos. Pecos! Era de lá que Greg Mallory havia chegado, conforme dissera ao delegado Britt, ainda há pouco!

Mal chegou ao rancho, Marcus correu a procurar Tad Smithy. Tão logo deparou com o sujeito, que parecia surpreso por vê-lo assustado, levou-o para um canto, afobadamente e contou o que sabia.

Smithy tossiu, e retrucou:

— Calma, garoto! Deixe comigo... Volte para o seu lugar continuando de boca fechada. Você é um bom sobrinho, Marcus...

— Mas..., mas... Tad... foi você... quem fez aquilo lá... na porta da igreja? — perguntou Marcus, gaguejando.

O outro, sempre com o sorriso enigmático nos lábios, retorquiu:

— Como já lhe disse, volte logo para o seu canto e mantenha sua língua bem enfiada dentro da boca...

* * *

Ao retornar para seu rancho, Greg não somente encontrou Roscoe, Jennings e Goldie que pareciam aguardá-lo, como também Joel Langley, Cass Templar e Pete Tracy.

Foi Joel quem lhe disse:

— Investigamos em Pecos e descobrimos que um sujeito idêntico a um tipo chamado Tad Smithy, fugitivo da prisão federal de Denver, Colorado, esteve de passagem por lá no dia em que Cass foi atraído para a cilada no casebre da prostituta da villita.

— Então não há mais dúvidas? — inquiriu o rapaz.

— Não, nenhuma — respondeu o delegado. — Trouxemos um dos cartazes com o retrato do bandido e o mostramos a Roscoe e Jennings. Eles reconheceram de imediato o capataz desse Stone Craig.

— Não passamos pela cidade para ganhar tempo e avisá-lo — disse Cass Templar. — Vamos combinar agora o que faremos.

Greg lhes contou sobre a conversa que, manteve com o xerife Paul Britt, um pouco arrependido de seu afoitamento, logo ao chegar a Dixon.

— É. Ele pode alertar o sujeito — disse o federal. — Porque também concluímos que Smithy agiu a mando de seu patrão, Greg.

CAPITULO DÉCIMO

Cara a cara com os assassinos

Tad Smithy não perdeu tempo.

Logo depois da partida do sobrinho, chamou quatro homens que eram seus principais ajudantes no rancho e disse-lhes:

— Compadres, acho que estão em nossa pista...

Os outros olharam-no surpresos e preocupados.

— O que faremos agora, Smithy? — perguntou um deles, com a voz um pouco rouca e algo ansiosa.

— Selem os seus cavalos porque iremos logo falar com o patrão. Ele nos incumbiu daquele serviço e terá que encontrar um meio de livrar nossos pescoços. E o dele também! Vamos depressa para a cidade!

No banco, como sempre fazia todas as manhãs, Stone Craig atendia os clientes, mantendo sua proverbial elegância e maneiras refinadas.

Os cinco homens do rancho entraram no estabelecimento depressa sem ligar para os protestos do funcionário que lhes pedira que aguardassem um pouco. Craig levantou-se irritado da cadeira em que estava sentado atrás da luxuosa escrivaninha, pedindo ao homem com quem falava que saísse e esperasse um pouco.

— O que aconteceu para chegarem aqui, assim tão inesperadamente? Não lhes disse que evitassem vir aqui ao Banco? — perguntou.

— Ei, calma, patrão! — bradou Smithy, erguendo a voz e baixando-a logo ao perceber que as outras pessoas no Banco olhavam para eles intrigados. — O tal Greg Mallory, que chegou de Pecos, já sabe quem sou! Lá ele esteve com os federais e contou tudo ao xerife daqui! O que vai fazer, patrão? Não demorarão a virem atrás da gente!

— Eu? — replicou fria e impassivelmente Stone Craig. — Eu não vou fazer nada. Vocês, sim, tratem de dar o fora imediatamente!

Nos semblantes dos cinco homens passou imediatamente uma expressão de raiva e surpresa. Smithy, subitamente tomou a iniciativa:

— Não iremos de mãos. vazias, não senhor! Já que pretende nos deixar à mercê dos homens da lei e livrar a cara, terá que pagar pelo que fizemos a seu mando!

Voltando-se para os demais, bradou:

— Rapazes, vamos limpar o banco do senhor Craig e cair fora! Peguem tudo que puderem!

Stone Craig tentou abrir a gaveta de sua mesa para tirar uma arma, porém era tarde demais. Ato contínuo, os cinco homens liderados por Smithy já tinham seus revólveres bem empunhados e o cobriam, bem como a todos os demais que se achavam dentro do estabelecimento.

Naquele justo momento entravam pela porta da frente o xerife Britt e Jessica Craig. Haviam se encontrado do lado de fora, cumprimentaram-se e ingressaram no banco.

Antes que o representante da lei pudesse dizer qualquer coisa, as armas dos facínoras dispararam. Britt ainda pôde cair ao chão protegido pelo balcão frontal, atirar. A moça, foi atingida no peito, soltando uma exclamação de dor e

espanto, desabando no umbral da entrada com o vestido todo empapado de sangue.

— Miseráveis! — rugiu Stone Craig, repentinamente tomado de um acesso de fúria e erguendo a arma. Antes que apertasse o gatilho, o próprio Smithy incumbiu-se dele, disparando duas vezes contra o banqueiro, que deixou cair o revólver e desabou para baixo, atrás da mesa.

Homens e mulheres que se achavam no banco, bem como os funcionários, de braços levantados e apavorados não reagiam, enquanto o xerife Paul Britt cessava seus tiros receando atingi-los.

Smithy e os quatro comparsas apressadamente enfiavam maços de cédulas nas sacolas que carregavam a tiracolo, empurrando violentamente quem inadvertidamente se colocasse à frente deles. Não atiravam mais, porém moviam-se depressa.

Foi naquele instante que seis cavaleiros a galope chegaram perto do banco, porém não avançaram até sua frente. Na rua moradores e transeuntes, que tinham escutado os gritos e os disparos, pareciam atarantados.

— Parece que o senhor Craig está recebendo a picada mortal da cascavel que ele próprio criou! — exclamou Joel Langley.

Efetivamente eram Greg, Roscoe, Jennings, Cass Templar, Pete Tracy e }oel Langley que acabavam de se aproximar, vindos do rancho do rapaz. Quando lá se achavam ainda, um dos vaqueiros de Goldie que procedia da propriedade deixada por Jack Torrance, tinha avistado os cinco cavaleiros que em desabalada carreira iam para a cidade. Por isso galopara para avisar o capataz dele que conversava com o rapaz e os federais.

Não perderam tempo adivinhando o que estava acontecendo. Smithy de algum modo soubera que tinha sido

identificado, e com seus cúmplices corria para o patrão. Não lhes era difícil acreditar que Stone Craig tinha a ver, e bastante, com o crime da porta da igreja, embora não soubesse exatamente os motivos.

Dentro do banco, Tad Smithy apressava seus capangas.

— Vejam se há ouro também, compadres — bradava impaciente sem deixar de apontar a arma para os funcionários e clientes apavorados.

Pau! Britt, ainda impossibilitado de fazer uso de sua arma, não saía do lugar onde estava abaixado atrás do balcão. Pelo visto não fora pressentido pelos bandidos ou eles o julgavam morto, como tinha acontecido com a moça.

Olhando para Jessica Craig, caída no mesmo lugar, o xerife sentiu uma angustiada sensação de dor e piedade pela irmã do banqueiro. Não restavam dúvidas de que ela estava morta, com o vestido quase completamente empapado de sangue.

Entretanto os recém-chegados, logo que desmontaram, deixando os cavalos em um dos lados, agachados e de armas nas mãos, cercaram o prédio do banco, aguardando atentamente. Não investiram sobre o estabelecimento tentando invadi-lo, porque sabiam que, mesmo que dizimas sem os celerados, causariam outro massacre, o dos clientes e funcionários que lá se achavam e ficariam entre dois fogos. Igualmente não tinham conhecimento ainda da presença do xerife nem da morte da irmã de Stone Craig.

Os bandidos teriam que sair pela porta de entrada, uma vez que suas montarias se achavam ali.

Lá no interior do banco, Smithy ordenou:

— Deitem-se todos no chão! — Os clientes e empregados mais do que depressa obedeceram.

Virando-se para os seus sicários que carregavam as pesadas sacolas entulhadas com dinheiro e algumas barras de ouro, gritou:

— Vamos sair disparando, compadres! Deve haver algum metido a valente aí fora!

Enfileirados e com Smithy na frente, um pouco arcados pelos volumes que levavam pendurados às costas, investiram na direção da porta da frente.

Então um dos capangas de Smithy viu Paul Britt e alertou os outros, bradando alarmado:

— Olhem! Vejam quem está aí!

Não chegou a dizer mais nada, porque Britt acertou-lhe um par de balas bem entre os olhos. O bandido estatelou-se no chão, quase por cima da pobre Jessica, deixando cair e abrir o alforje com dinheiro espalhando-se pelo chão.

— Não parem, idiotas! — gritou Smithy. — Deixem-no aí e vamos.

Quando se achavam na rua olhando na direção em que estavam os cavalos, uma saraivada de balas os colheu inexoravelmente!

Rodopiando os corpos como bonecos desengonçados, dois deles caíram sem poder fazer uso das armas! Os alforjes, como havia acontecido com o primeiro, atingido pelo xerife, abriam-se desmantelados e deixavam esparramar cédulas e barras de ouro!

Greg, de pé e bem firme com as pernas abertas, segurando seu revólver, gritou:

— Smithy!

O facínora parou por instantes. Eram ele e outro comparsa os únicos sobreviventes.

Olhos faiscantes de ódio, soltando espuma pelos cantos da boca, moveu a arma para onde estava o rapaz, reconhecendo-o.

O Colt de Gregory Mallory fez ouvir seus estampidos de morte. Chumbo e fogo cravaram-se no miserável. O rapaz atingiu-o primeiro na barriga depois no pescoço e por fim na testa. Dançando grotescamente, deixando escapulir da mão o revólver e mostrando um rosto desfigurado pela ação das balas, Smithy estatelou-se no solo poeirento da rua. Duraram pouco os seus estertores agoniados e derradeiros.

O último e único sobrevivente do grupo de assassinos não teve melhor sorte e dele se encarre gou Joel Langley.

Segurando ambos os Colts, um em cada mão, o federal despejou o restante da carga no criminoso! Da mesma maneira que Smithy e os três outros, o remanescente do bando desabou crivado de balas, com sangue emergindo de todos os furos no corpo.

Em poucos instantes a rua defronte ao banco parecia se alargar com os quatro corpos em meio a um charco de líquido vermelho misturado com terra e excremento de animais.

Stone Craig, entretanto, não estava morto ainda.

Viveu o bastante para confessar, pedindo perdão a Greg Mallory, dizendo ter sido o mandante do crime na porta da igreja. Com a voz soluçante, entrecortada pela dor dos balaços que tinha no corpo, afirmou que mandara matar apenas Jack Torrance, jamais imaginando que os sicários que tinha como empregados no rancho sob as ordens de Smithy, disparassem também contra Kate. contra o casal dos velhos pais da moça, na menina e no padre — murmurou agoniante. — Jamais deixara de amar e querer Kate, disse num fio de voz cortado por soluços.

— Eles... foram... uns... estú... pidos... — sussurrou enquanto soltava uma golfada de sangue pela boca.

— Mas... por que, Stone? — perguntou Greg.

Com os olhos enevoados e já à beira da morte, o banqueiro articulou quase inaudivelmente:

— Odiei... Jack... Torran... ce. Fiquei... com ciúmes... tentei... evitar... que... se... radicasse aqui... com... um... ran... cho. Por isso... quando Marcus... Smith... ajudante... do xerife... me disse para... para... darem... prego... ao seu... tio... percebi... ser ele... o... homem... para... para... matar... Torrance.

Não disse mais nada porque subitamente sua cabeça pendeu e após um estremecimento amoleceu, imobilizando completamente o corpo.

Greg lamentou profunda e sinceramente a morte de Jessica.

Ironicamente o destino dera a Stone Craig como castigo pelo criminoso ato o mesmo que tão dolorosamente acontecera com Greg. Jessica era a única parente de Stone Craig, representava toda a sua família.

Naquele mesmo dia, um Marcus Smith, amedrontado e com receio de que lhe poderia acontecer, foi trancafiado numa das celas da própria cadeia que durante muitos dias, meses e anos vigiara como guarda e ajudante do xerife.

Joel Langley, Cass Templar e Pete Tracy retornaram a Pecos, depois de passar dois dias no rancho de Greg. Para os delegados federais, vingar a morte de Jack Torrance não apenas lhes concedera a satisfação do dever cumprido, como também acabaram pegando um foragido da prisão e perigoso assassino, simultaneamente com a eliminação daqueles quatro que provavelmente também eram procurados em outros lugares. Mas o que fizeram questão de proclamar, uníssonos e felizes, é que deixavam em Greg Mallory um amigo para sempre. Não se esqueceram de Roscoe e Jennings, apertando-lhes as mãos afetuosamente.

Já estavam se afastando da frente da casa do rancho, onde o rapaz, os dois velhos companheiros e Goldie acenavam-lhes com as mãos, quando Joel Langley repentinamente fez um gesto para que Cass e Pete o aguardassem. Voltou à montaria retomando até onde permanecia Greg.

— Meu amigo — disse ao acercar-se do outro. — Não quero parecer uma velha tia rabugenta e xereta. Um dia você me falou de uma certa mocinha que salvou dos navajos, quando atacavam a diligência. Como era mesmo que ela se chamava?

— Susan Winkler, filha do dono do Banco de Cimarron — respondeu prontamente Greg; um tanto surpreso e ao mesmo tempo curioso pelas palavras do outro.

— Isto mesmo, Susan Winkler. Eu conheço a família. E ela também. De vista, é claro. Linda, meiga, educada... e muito rica. Greg como disse, não sou nenhuma velhota casamenteira. Mas por que não dá um pulinho até Cimarron, qualquer dia destes?

Gregory Mallory pela primeira vez naquelas últimas semanas sorriu com espontaneidade e sinceramente desejoso de demonstrar algumas coisas que talvez intimamente não poderia olvidar.

— O que pensa que tinha planejado, amigão? — disse. — Claro, não será amanhã nem depois... Talvez daqui a alguns dias, mas é o que pretendo fazer, amigão! Isto é... titia!...

Joel Langley tornou a acenar-lhes e galopou para juntar-se aos outros dois que o aguardavam.

FIM

A seguir:
FINAL DOS CANALHAS! Não perca!

NOVELAS INÉDITAS

EM TODAS AS BANCAS

FBI

HISTÓRIAS POLICIAIS DE SUSPENSE COM OS FAMOSOS AGENTES FEDERAIS NORTE-AMERICANOS.

QUE AINDA NÃO FORAM CONTADAS.

ZZ7

AVENTURAS DE BRIGITTE MONTFORT, A ESPIÃ MAIS LINDA DO MUNDO.

ZZ7

RELANÇAMENTOS DAS AVENTURAS DE BRIGITTE MONTFORT.

77Z

AS AVENTURAS DE KIRKPATRIK, O IRRESISTÍVEL AGENTE DA CIA.

EDITORA MONTERREY LTDA.

***

Preço Deste Exemplar: